

# Colina do Sol



Uma perspectiva histórica

Celso Rossi



## **AGRADECIMENTOS**

A existência da Colina do Sol se deve ao empenho, experiência, coragem, criatividade, companheirismo, arrojo e confiança de um grupo de pessoas que tiveram a ousadia de acreditar que seria possível construir uma área de naturismo no extremo sul do Brasil.

Aos meus pais, agradeço pelo apoio constante e por terem arriscado seu patrimônio, resultado de uma vida de trabalho e sonhos, para hipoteca-lo em garantia do empréstimo que viabilizou a compra da área da Colina do Sol.

A Paula Andreazza, agradeço pela dedicação e empenho absolutos e por ter aberto mão de uma viagem ao Caribe, com todas as despesas pagas por uma importante revista nacional, para poder estar presente no primeiro encontro naturista na Colina do Sol, que resultou na abertura da caminhada para a realização desse grande projeto que é a Colina do Sol.

Aos demais amigos, por terem acreditado nos meus sonhos e feito deles seus próprios sonhos, construindo esse paraíso terreno que é a Colina do Sol.

Celso Rossi

30/11/2013



## A HISTÓRIA DA COLINA DO SOL

Convidado a escrever um pouco sobre a história da Colina do Sol, para inserir no novo site do clube, encontrei uma dificuldade quase intransponível: como descrever uma história da Colina sem dar uma perspectiva mais ampla, para que o leitor pudesse compreender as ideias, as regras de convivência, de construções, etc..

Resolvi fazer um resumo do tanto que poderia contar, de modo que não ficasse apenas em tópicos incompreensíveis, pela economia de palavras, nem numa obra literária que, de tão ampla, desestimulasse a leitura.

Desse modo, aqui vai uma “reportagem” narrada na primeira pessoa, quase como pequenos extratos de um diário, que foi o modo mais adequado e convidativo que encontrei para atingir esse objetivo.

As fotografias selecionadas, na sua maior parte de autoria de Paula Andrezza, que compartilhou a maior parte dessa história comigo, foram um recurso que encontrei para deixar a leitura mais agradável, ou mesmo para atender àqueles mais impacientes que se satisfazem apenas “vendo as figurinhas”.

Celso Rossi



## PREFÁCIO

Do Pinho à Colina, vemos uma estrada com múltiplas paisagens. Por ela segue um semeador de ideias. Gaúcho, têmpera dos pampas, ousadia no pensar. Imagina um mundo novo, a natureza sendo respeitada, o corpo não estigmatizado por tabus. Defende e propaga um ideal: a vida naturista, o fim dos estereótipos que envolvem o corpo. Lança sementes, vai do discurso à ação.

Esta jornada teve início em 1985, com a elaboração de um Código de Ética orientador à prática do naturismo nas areias do Pinho; na sequência, foi fundada uma associação, a AAPP – Associação Amigos da Praia do Pinho. Depois, a decisão heroica de, surpreendendo a família, abandonar o cargo que exercia como profissional de marketing e diretor de uma empresa em Porto Alegre; deixar a confortável vida que levava e ir morar numa simples barraca, numa praia quase que desconhecida, em Santa Catarina.

Ao incorporar radicalmente o naturismo como estilo de vida, o passo seguinte foi tomar providências para viabilizar um projeto maior: a constituição de uma Federação Brasileira de Naturismo. Como frutos da ideia concretizada, surgiram três novas associações: em São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Em 88, nos elevados do Pinho, surge o “Paraíso da Tartaruga” e um projeto de vida comunitária. A construção de cabanas, o trabalho

intenso, as dificuldades econômicas: uma epopeia que acompanhei e registrei em imagens.

“Pedras Altas”, ao sul de Florianópolis, foi outro empreendimento levado à prática.

A partir de 1995, a “Colina do Sol”, no município de Taquara, no RS, começou a ganhar os contornos de um centro naturista em excelência.

Ao longo desses anos todos, mantendo sempre o estímulo à implantação de novas áreas naturistas, no nordeste (Tambaba), no Rio de Janeiro (Abricó), em São Paulo (Rincão Naturista), etc. Também, atuando intensamente na divulgação do movimento nos diferentes meios de comunicação; na organização de congressos e encontros, na elaboração do informativo “Pinho É”, na publicação da revista “Naturis”, muito bem elaborada, bilíngue. E o contato imprescindível com as autoridades, incluindo uma exposição, em auditório do Congresso Nacional, das nossas reivindicações: a defesa do Projeto de Lei 1.411/96, que buscava estabelecer normas gerais para a prática do naturismo no Brasil.

Assim são os passos deste caminhante, sempre buscando traduzir suas ideias em ações.

Agora, Celso Rossi nos surpreende com este livro online. Mais um “diário de viagem”, no qual o narrador faz das palavras um elemento indicativo do que as imagens expressam. Estas se sucedem com largueza, falam alto mostrando as sementes que foram lançadas pelo sonhador. E enfatizam o projeto atual, a dinâmica e o crescimento da Colina do Sol, suas potencialidades e beleza. Contam-nos sobre seus lagos, as áreas voltadas ao esporte e ao lazer, a adequação dos quase cinco quilômetros de ruas internas, a construção das piscinas, casas, edificações várias. Tudo o que foi necessário para tornar a “Colina do Sol” um empreendimento internacionalmente conhecido.



Assim, em linguajar imagético, vamos reconhecendo os passos do movimento naturista no Brasil.

Aos olhos mais atentos, facultada está a reflexão sobre o destino que estamos dando às nossas vidas.

Tenham todos uma boa e proveitosa viagem, pelas páginas seguintes.

Edson Medeiros\*

*\*Edson Medeiros é sociólogo, de São José dos Campos/SP, fundador do CENA— Centro de Estudos Naturistas e personagem importante no desenvolvimento do naturismo Brasileiro.*



## UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Tudo começou num dia de sol, em janeiro de 1985, nas areias da Praia do Pinho quando, em meio a bate-papos e mergulhos com mais duas ou três famílias que lá estavam, me deixei levar pelo devaneio e visualizei uma sociedade na qual o naturismo imperasse e onde o respeito ao próximo, a fraternidade e o cuidado com a natureza fossem regras assimiladas e vivenciadas, naturalmente, por todos e a liberdade aflorava, junto com a maturidade e o desenvolvimento social do próprio grupo.

Era uma ideia bonita e praticamente já a vivenciávamos ali, com aquelas poucas pessoas, de modo inocente e natural.

A realidade que se seguiria, entretanto – eu o sabia – transformaria irremediavelmente aquele local e o tempo, assim como os diferentes caminhos, dissolveria o grupo que até então compartilhava daquele momento único.

De minha parte, continuei cultivando o sonho e o decorrer dos acontecimentos acabou me levando a dar os primeiros passos.

Uma vez descoberto pela mídia, pelas comunidades vizinhas e pelas autoridades, o pequeno grupo de naturistas da Praia do Pinho passou a sofrer o duro choque com a realidade externa àquela utopia: jornalistas chegando à praia, com máquinas fotográficas; a polícia, com seus camburões, e a população local, com pedaços de pau e pedras.

Meu primeiro passo foi criar um código de ética, para organizar, pelo menos, o comportamento dos naturistas de primeira viagem, para que aquele local não fosse irremediavelmente perdido para outros usos. Em seguida, redigi uma ata de fundação da Associação Amigos da Praia do Pinho e fui coletar assinaturas.

Uma vez formalmente empossado como representante do grupo, na condição de presidente da AAPP – Associação Amigos da Praia do Pinho, fui levar nossa bandeira para a imprensa, para as autoridades e para a comunidade, declarando que estávamos dispostos a lutar por aquele espaço.

Os primeiros anos foram caracterizados por um intenso trabalho de relações públicas, tanto a nível local, na própria praia, quanto junto à prefeitura, ao governo do estado, à polícia, órgãos oficiais de turismo, entre ou-

tros.

O sonho inicial foi se adaptando à realidade dos homens, com CGC, endereço, cargos de diretoria e reuniões, que me levavam a dirigir mais de oito horas para ir e outras tantas para voltar, apenas para um final de semana, pois eu morava a 550 quilômetros. Ao mesmo tempo, a vida “normal” que eu levava me fazia questionar cada vez mais os valores sociais e culturais que me haviam formado. Até que, num determinado momento, o Celso profissional de marketing, diretor de empresa, deixou de existir dentro de mim, restando apenas o Celso naturista, idealista, sonhador.

Assim, em dezembro de 1987, coloquei minha barraca no portamalas do carro e me mudei para o camping da Praia do Pinho. Foi como morrer e renascer para uma nova vida. Não era o Paraíso, que aqueles antigos devaneios me levavam a supor que seria, mas já era muito melhor que a minha vida de executivo “almofadinha”.

Uma das mudanças que logo me chamou à atenção foi a beleza da chuva. Na manhã seguinte a que cheguei “de mala e cuia” na Praia do Pinho, o dia amanheceu chovendo. Minha surpresa foi enorme ao olhar para as folhas dos arbustos e da grama, logo ao lado da minha barraca, e perceber que elas tinham um brilho e uma vida intensos e que eu jamais havia percebido antes.

Era a primeira vez que uma chuva amanhecia o dia sem estragar as minhas férias! A aritmética, que antes era uma conta de subtração: trinta dias, menos um, menos dois, menos três...; transformou-se numa adição: mais um dia, vivendo livre e feliz; mais outro dia, fazendo o que quero; mais outro dia, dono do meu tempo...

A tarefa de liderar aquele grupo tão heterogêneo não era fácil, pois, tal qual um motorista de ônibus escolar, tinha de conduzir os interesses da associação e da Praia do Pinho, em meio a um trânsito conturbado de interesses políticos e comerciais. Tinha de reinterpretar leis e descobrir novos caminhos para um tipo de comportamento não previsto pela sociedade e, ao mesmo tempo, lidar com os conflitos internos causados pela intersecção de interesses de um grupo que tinha sua espontaneidade a florada pela prática do naturismo que, em determinados momentos, fazia-os portarem-se feito crianças.

Diante de tantos riscos que se apresentavam para a continuidade da

associação e da prática do naturismo na Praia do Pinho, resolvi “espalhar os ovos em outras cestas” e fundei a FBN – Federação Brasileira de Naturismo. Poucos meses mais tarde, convoquei e coordenei as reuniões que culminaram na fundação de outras três associações: a SP-Nat, no estado de São Paulo; a APAN, no Paraná, e a AGN, no Rio Grande do Sul.

Terminada a temporada de verão 87/88, tentei negociar uma condição mais econômica para continuar morando no camping à beira da praia; afinal, o meu trabalho beneficiava diretamente os donos do comércio local. Sem sucesso, acabei indo morar por um tempo numa confortável pousada na praia ao lado, aproveitando o período para escrever o livro “Naturismo: A Redescoberta do Homem”, documentando os primeiros anos da luta pelo naturismo na Praia do Pinho. O objetivo do livro era também ajudar a fortalecer o trabalho das associações estaduais, que já começavam a procurar novos locais para a prática do naturismo em seus estados.



*Praia do Pinho  
em 1985.*



*Escultura feita  
por Celso Rossi,  
quando da cria-  
ção do logotipo  
da AAPP.*



*Primeiro grupo de  
naturistas da Praia do  
Pinho. Entre eles,  
Odoni Branco e famí-  
lia, Edo e Rose, Zig,  
Celso e Márcia*

## MOMENTOS

*Celso inaugurando o camping da Praia do Pinho.*



*Márcia ensaiando um topless, no primeiro dia na Praia do Pinho.*



*Edo, Celso, Eduardo, Trude, Zig, Mônica, Dagmar, Odoni, Márcia e Rose: não havia luz elétrica, mas a amizade e o idealismo superavam qualquer desconforto.*



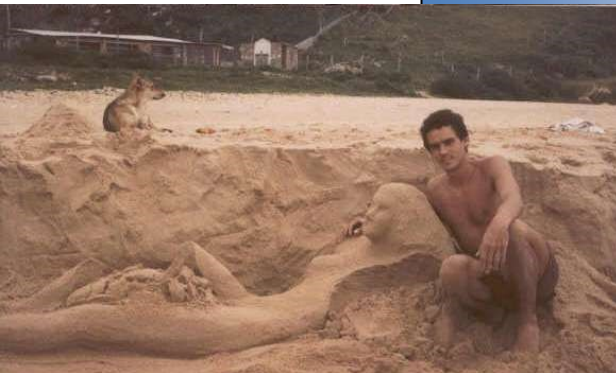
## LUDICIDADE



*Na festa de carnaval, pouco depois de fundar a AAPP, no verso de um cartaz de propaganda.*



*Brincando com o nascer do sol nas fotos.*



*Brincando com a areia da praia.*



# PRAIA

*Placas indicativas, na entrada da Praia do Pinho, e, no chão, a corda que dividia a praia.*



*Limpendo a rede, com o Zafa: os dois primeiros moradores naturistas.*



*Na foto, Tuca, 10 anos antes de se mudar para a Colina do Sol.*





*Na “barraca sede” de FBrN, Celso redigindo os estatutos, após a fundação da federação.*



*Na antiga máquina de escrever, o registro do momento histórico para o naturismo brasileiro.*



*Defronte a “casa” onde morava, Celso cantando para os naturistas, vestidos ou despidos.*

*Paula e Rose eram dois alicerces indispensáveis da AAPP e da FBN.*



*Carlos e Celso, hasteando as bandeiras da AAPP e da FBN no platô do Paraíso da Tartaruga, no costão da Praia do Pinho/SC.*



## AS IDEIAS DE COMUNIDADE NATURISTA

Em meados de 1988, fui procurado pelo dono de uma grande área de mata nativa, na encosta norte da Praia do Pinho. Ele me ofereceu em empréstimo uma área de 25 mil metros quadrados, para que eu implantasse a sede da Federação.

O sonho da comunidade naturista começava a palpitar novamente, apesar da precariedade legal que um contrato de comodato sobre uma terra em litígio oferecia. Mais incertas que as condições da área eram as parcerias que eu tentava formar, para dar início à comunidade, pois era uma mata virgem, sem luz, em terreno inclinado, onde até para armar uma barraca era necessário cavar um platô.

Paulo, Zafa e Márcia, outros companheiros naturistas que já moravam nas cercanias da Praia do Pinho, com quem eu contava para me acompanhar no projeto, logo desistiram.

Dois amigos de São Paulo, Roberto Pelosini e Roberto Leão toparam uma parceria para fazer investimentos naquela mata nativa e dar início ao primeiro ato da peça intitulada: “A profissionalização do naturismo brasileiro”. Infelizmente, em poucos meses, os dois também desistiram de me acompanhar, tendo em vista a precariedade da situação local e da distância para São Paulo, onde moravam.

Já estava começando a desbravar o terreno, fazendo as primeiras limpezas sobre o mato, quando, numa das minhas idas a Porto Alegre, conheci Paula Andreazza.

Ela contou que já tivera experiência com restaurante e estava disposta a encarar um novo desafio. No dia seguinte, pela manhã bem cedo, peguei-a, na porta do edifício onde morava com alguns amigos, e rumamos direto para o Paraíso da Tartaruga – nome escolhido em função do morro de mesmo nome no qual se situava a área – que seria a sede da nossa comunidade naturista.

Todo o cenário e as circunstâncias que nos rodeavam, como a praia, a encosta com mata virgem e vista para o oceano, os ideais naturistas que uniam as pessoas, sugeriam que tentássemos criar ali algum tipo de comunidade alternativa, com a intenção de possibilitar a adesão de outras pessoas.

A princípio, criamos a figura o “Voluntário do Paraíso”, para designar aquelas pessoas que, morando no Paraíso da Tartaruga, em suas barracas ou pequenas cabanas que já começávamos a construir, trabalhariam na organização da praia, nas tarefas burocráticas da AAPP e na construção e manutenção do nosso camping. Em troca, os recursos da associação ajudavam a cobrir nossos custos de alimentação e subsistência.

Assim, junto com mais um amigo, Elmo, e sempre apoiados por Rose e Edo, começamos nossa utópica comunidade, morando em barracas, sem banheiro, sem água encanada, sem luz elétrica, no meio de uma mata totalmente fechada. Éramos apenas três, mas sonhávamos com um grupo maior; que mais doidos como nós resolvessem largar tudo nas suas cidades para virem morar conosco. A beleza do cenário natural era tão intensa que até justificava tal pretensão, pois nos víamos vivendo dentro de um filme que seria uma mistura de Tarzan com Lagoa Azul. Quase desnecessário dizer que ainda hoje, um quarto de século depois, guardo com muito carinho as lembranças daquela época. Tínhamos até um símbolo da nossa comunidade: uma concha branca que usávamos pendurada ao pescoço.

Certas teorias, entretanto, quando postas em prática, não apresentam os resultados esperados. As pessoas são diferentes, umas das outras, e eram poucos os que se submetiam, por mais de trinta dias aos desconfortos e à rusticidade das condições nas quais vivíamos, sem luz elétrica, sem água quente, sem recursos financeiros.

Assim, foi que a nossa comunidade de “Voluntários do Paraíso”, com conchas no pescoço, não sobreviveu ao primeiro inverno.

As dificuldades financeiras eram grandes e, apesar de termos um local – emprestado – para construir nossa sede, tínhamos de convencer as pessoas a dar uma caminhada de quase um quilômetro, metade da qual subindo uma íngreme montanha, para vir conhecer nosso trabalho e, quem sabe, associar-se e contribuir para a continuidade daquele sonho de “Tarzan e Jane” na selva.

Diariamente, enquanto eu trabalhava de facão em punho, limpando o mato de um emaranhado intransponível de cipós de todos os tipos e cavando novos platôs para barracas, a Paula descia à praia, com sandálias, óculos escuros e uma pequena pastinha de plástico, na qual levava adesivos, com temas naturistas, para vender aos turistas e fichas de filiação para congregar novos associados.

Trabalhando na entrada da praia e orientando os recém-chegados sobre as normas, ela alertava: “Para entrar não paga nada. Para sair, tem de comprar um adesivo.”

Chegava a formar fila, à tardinha, de pessoas querendo comprar adesivos.

Defronte à “portaria da praia” havia um restaurante e seu dono, Álvaro, inconformado com o sucesso da venda de adesivos bem na porta do seu estabelecimento, mandou me chamar. Quando lá cheguei, ele estava ao lado de um rapaz que se queixava de ter sido obrigado a comprar um adesivo para entrar na praia e, sendo a praia pública, tal cobrança era ilegal.

- Você teve de comprar um adesivo para entrar na praia? – perguntei, com ar intrigado.

- Na verdade, a moça disse que eu tinha de comprar o adesivo para sair da praia – respondeu o rapaz, meio constrangido.

- E você acreditou?! Você acha que alguém, no mundo, realmente cobraria para lhe deixar sair de uma praia?! Tenha dó... – virei de costas e voltei a subir o morro.

Nunca mais reclamaram da venda de adesivos, mas a Paula teve de tirar Alvará, pois o dono do restaurante ameaçou denunciá-la na prefeitura.

Uma vez portadora do Alvará, para venda ambulante, a Paula passou a levar, todo dia, uma caixa de isopor com deliciosos sanduíches naturais para vender na praia.

Assim íamos pagando os fornecedores de materiais de construção, madeiras, pregos, tijolos, cimento, e aos poucos o Paraíso da Tartaruga ia tomando ares de um verdadeiro clube naturista.

Durante o inverno, contratei um pedreiro e trabalhei como seu ajudante e conseguimos construir, debaixo do prédio de escritórios da AAPP, uma pequena sala e cozinha onde, na temporada seguinte, funcionaria o Tijolo Doido, nosso primeiro restaurante, tendo a Paula no comando geral e nas panelas e eu servindo as mesas e lavando a louça.

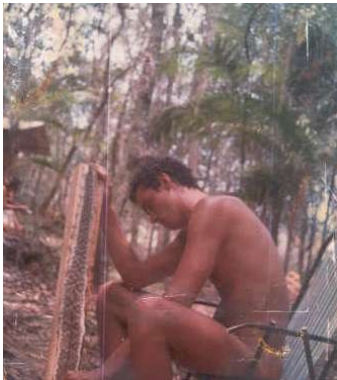
Não tínhamos dinheiro para comprar tijolos; portanto, as paredes do restaurante foram feitas com sobras de tijolos de diversos tipos, além de garrafões de vidro, coloridos. Isso acabou inspirando o nome do restaurante.

Uma sequência de realizações começou a se materializar com grande intensidade, baseada numa forte relação de companheirismo e união de características muito diversas e, ao mesmo tempo, complementares entre Paula e eu.

A concretização do Paraíso da Tartaruga como área naturista; o nascimento do Gabriel, em 1989; o primeiro CONGRENAT – Congresso Brasileiro de Naturismo, que reuniu o maior rol de autoridades oficiais jamais antes havido na história do Naturismo mundial, na solenidade de abertura, foram algumas das nossas primeiras realizações, bem como o “PinhoÉ”, informativo da AAPP, que começava a inspirar a criação da futura revista Naturis.



*Um “fogão de verdade”: que luxo! Uma grande melhoria para o Paraíso da Tartaruga.*



*As cobras venenosas não eram poupadas, mas o couro era aproveitado.*



*Com o “companheiro”, compondo mais uma canção.*



*Ao final do dia, depois de passar horas limpando o mato para construir o camping, retirar os espinhos era uma tarefa dolorida.*



*Algumas tarefas eram mais perigosas, mas tudo era feito com muito entusiasmo.*



*O chuveiro era apenas uma caixa de descarga, com uma ducha plástica adaptada. Para tomar banho, era só puxar a "cordinha".*





*Fazendo a barba, num “banheiro” totalmente integrado com a natureza.*



O “vaso” era um buraco estreito e profundo, com um assento plástico e um montinho de terra, ao lado, e uma caneca para “tapar”.



*À noite, a reunião com os amigos: Elmo, Paulo Pires e Celso.*

*Com Paula,  
na sede da  
AAPP/FBN, no  
Paraíso da  
Tartaruga.*



*Celso entusiasmado  
com o andamento das  
obras do novo prédio de  
escritórios/moradia/  
restaurante, do Paraíso  
da Tartaruga.*



*Celso com a Polícia  
Militar de SC, de-  
frente as bandeiras  
do naturismo brasi-  
leiro. Gabriel, no  
colo: mais uma  
“produção” da  
Praia do Pinho.*





*Celso abrindo o I CONGRENAT— Congresso Brasileiro de Naturismo, em 1989.*



*Secretário de Estado, Presidente da SANTUR, Prefeito Municipal, Secretário de Turismo, Comandante da Polícia Militar: jamais um evento de naturismo contou com tantas autoridades públicas.*



*Luiz Carlos Prestes/PR, Celso Rossi/FBN, Roberto C. Mello/SP, e Sérgio de Oliveira/RJ: principais lideranças naturistas da FBN.*

## O PRIMEIRO PROJETO DE OCUPAÇÃO NATURISTA

Muitos dos naturistas que nos visitavam não tinham por hábito acampar e ficavam, então, hospedados em hotéis das redondezas.

Comecei, em função disso, a desenvolver um projeto que viabilizasse a construção de pequenas cabanas de aluguel, para que pudéssemos hospedar essas pessoas no próprio Paraíso da Tartaruga.

Tínhamos como base um contrato de comodato com mais quatro anos de garantia de uso da terra, com possibilidade de renovação por mais dois anos. O interesse dos donos das terras em tal empréstimo era de vê-la valorizada, através da destinação que daríamos, para uma posterior venda a algum empresário do setor turístico.

Criei três modelos de pequenas cabanas, sendo que a menor era constituída de apenas uma peça de nove metros quadrados, sem banheiro. A estrutura da cabana era de paus de eucalipto, enterrados no chão, telhado de chapas de cimento amianto, paredes de costaneiras – casca das árvores que sobram nas serrarias – revestidas, pelo lado de dentro, com chapas de isopor, recoberto com tecido. As janelas consistiam em tampões de madeira, sem vidros ou venezianas.

O custo de construção dessa pequena cabana, cujos usuários teriam de fazer uso de banheiros coletivos do camping, não chegava a mil reais. Ou seja: com quinze dias de uso, amortizaria o custo, considerando a diária de um hotel barato.

Lancei, então, o Plano Férias no Paraíso, que consistia na venda dos períodos de ocupação desses modelos de cabanas, de modo que uma mesma unidade pudesse ser utilizada por mais de um naturista, em diferentes períodos. Assim, o período de quinze dias de ocupação, por ano – e enquanto durasse o contrato de comodato da área –, na cabana pequena, por exemplo, seria vendido a quinhentos reais. Esse valor era inferior ao que o casal pagaria de estadia por igual período nas redondezas, apenas para duas semanas.

Caso houvesse interessados em ter uma cabana para seu uso exclusivo, incluí no plano a opção “/E” (exclusivo), pelo preço equivalente a dois mil reais, ou dois meses de ocupação.

Mesmo esse preço mais caro, ainda era inferior ao custo comparativo da hospedagem pelo período equivalente, durante o prazo de uso que ain-

da tínhamos garantido pelo contrato de comodato.

As vendas começaram a acontecer e, para minha surpresa, todos adquiriram a opção “/E”, pois desse modo podiam deixar seus pertences pessoais na cabana, para utilizá-la durante o ano.

Para reduzir custos de mão-de-obra, especialmente de deslocamento, recrutei os filhos dos pescadores da região e ensinei-lhes a construir as cabanas do modo que eu desejava. Em pouco tempo, já tínhamos várias casinhas no Paraíso da Tartaruga, vendidas a naturistas gaúchos, catarinenses, paulistas e paranaenses.

Os anos foram passando e com eles aumentando a expectativa sobre a renovação do contrato de comodato. Muitas pessoas também apareciam e manifestavam seu desejo de também poder morar numa área naturista, como nós. Para isso, precisariam ter algum tipo de atividade que lhes proporcionasse o sustento.

A área total dos donos da terra era de pouco mais de trinta hectares: espaço suficiente para fazer um grande empreendimento, com centenas de casas, hotel, comércio, etc., onde os naturistas residentes poderiam vir a trabalhar e, assim, realizar seus sonhos.

Comecei a desenvolver, então, um projeto mais audacioso, que pudesse ir ao encontro dos interesses dos donos da área e permitisse não apenas a manutenção daquele nosso espaço naturista como sua ampliação. O novo projeto teria de oferecer uma série de possibilidades necessárias ao bom funcionamento da área, em função do seu uso para o naturismo, como também de retorno financeiro aos investimentos realizados por eventuais investidores e para os proprietários da área.

Uma condição essencial para permitir o controle do comportamento – dos excessos – dos usuários era a possibilidade de excluir os elementos que não apresentassem uma conduta adequada. Teríamos de ter condições legais de retirar do nosso convívio aqueles que não se submetessem às normas, mesmo que esses tivessem casas ou outros bens dentro do empreendimento.

A venda da propriedade por meio de loteamento estava, portanto, descartada. Mesmo porque ela criaria um grande problema no momento em que o proprietário da casa viesse a falecer e os herdeiros, não naturistas, viessem tomar posse e utilizar as casas. Muitos casais naturistas não contam, nem para os próprios filhos, que são frequentadores de áreas na-

turistas. Em caso de morte de tal casal, caso possuísse uma casa no empreendimento, ninguém reclamaria por ela, que ficaria se degradando pelo passar dos anos, sem que nada pudesse ser feito.

A propriedade, portanto, não poderia ser vendida e o uso teria de ser vinculado à condição de ser, seu titular, associado ao clube. O clube, por sua vez, seria a entidade coletiva responsável pelo julgamento das denúncias que poderiam vir a culminar na rescisão dos contratos de utilização das casas. Se o clube – a coletividade – não tivesse o poder de coerção sobre os titulares das casas – caso fosse vendida a propriedade das mesmas – a viabilidade do empreendimento naturista como um todo ficaria ameaçada, pois não haveria como excluir maus elementos do contexto social.

A venda do direito de uso vitalício sobre o terreno e sobre as casas seria o meio legal de realizar as transações, até porque a lei prevê que tais cessões de uso podem ser onerosas e condicionadas a determinados fatores, como, por exemplo, o de ser – e manter-se – sócio do clube.



*As casas no Paraíso da Tartaruga, feitas com costaneiras e vidro, no meio do mato.*



*Janta no restaurante “Tijolo Doído”, com Celso, Edo, Carlinhos, Milton, Dora, Ana, Francisco e Paula.*



*Na cabana do Edson Medeiros, com Rose: dois personagens importantes do turismo brasileiro.*



*Apresentando a nova casa para o Gabriel, recém saído “do forno”.*



*No balanço, Carlos Galz, que assumiu a AAPP, após a saída de Celso para a FBrN, e conduziu a associação por muitos anos.*



*Celso orientando as “regras da gincana” para os participantes: todo feriado de Páscoa, novas provas para todos se divertirem.*





*As equipes eram separadas entre Terra, Fogo, Água e Ar, em função do signo de cada participante.*



*Ângela e Celso preparando um lodo em consistência de “mingau”...*



*... para desafiar os participantes da Gincana de Páscoa da Praia do Pinho.*

## AS HABITAÇÕES

A construção das casas também representaria riscos para o empreendimento, por vários motivos. Primeiramente, se muitas pessoas comprassem cessões de uso do terreno – ou partes ideais do todo – e começassem a construir suas casas por conta própria, teríamos legiões de pedreiros e carpinteiros trabalhando em várias casas diferentes, sem um controle unificado, circulando no meio da área naturista, onde as famílias, com suas crianças, estariam desfrutando seu lazer sem roupas. A falta de preparo, desses trabalhadores eventuais, para relacionar-se nesse novo ambiente, poderia trazer riscos à segurança pessoal e patrimonial dos associados e naturistas visitantes.

Para evitar tais riscos, apenas uma empresa seria autorizada a executar as construções, com um pessoal especialmente treinado para conviver no meio naturista, sem causar constrangimento aos praticantes.

Outra questão importante dizia respeito aos tipos de materiais a serem empregados. Tais definições influenciariam de modo decisivo no desenvolvimento turístico e social do empreendimento.

Do ponto de vista turístico, a coerência arquitetônica de todas as edificações seria fundamental para a obtenção de uma identidade própria do lugar. A prática do naturismo, por si só, já servia de estímulo às pessoas transportarem-se, imaginariamente, para outro mundo. Um mundo no qual a ausência de roupas – ou pelo menos de sua obrigatoriedade – já nos fazia crer num ambiente menos violento, menos competitivo, mais puro e simples.

As construções deveriam contribuir para a imersão nesse sonho, não permitindo que a variedade caótica de estilos, cores e materiais – comum nas cidades sem controle arquitetônico – pudesse vir a quebrar a fantasia. O uso abundante de madeira, na cor natural ou apenas escurecida, telhados igualmente escurecidos ou de palha, ajudariam a integrar as casas ao meio-ambiente da mata nativa que as cercava. A utilização de paredes envidraçadas permitiria ao usuário sentir-se permanentemente dentro da floresta, numa imersão ecológica que, naturalmente, pudesse recriar seus valores e construir novos princípios ideológicos, mais afeitos às nossas necessidades urgentes de preservação ambiental.

A responsabilidade social, na definição das normas de construção, fazia-me transportar para o futuro e imaginar as relações entre os naturis-

tas e como poderiam essas relações ser afetadas pelas casas nas quais viveriam.

Imaginemos duas famílias, na Praia do Pinho: João, sua esposa e filhos, e José, com sua família. Já frequentam a praia há anos e têm forte vínculo de amizade, apesar de nem conhecerem os sobrenomes uns dos outros. Fazem churrascos juntos, os filhos pescam e jogam futebol e, todos os anos, anseiam por se reencontrar na praia para mais um período de férias em suas barracas no camping.

Eles nunca comentaram sobre seus trabalhos, na cidade; portanto, nem sabem que trabalham no mesmo ramo: transporte de passageiros.

Um dia, Celso aparece e convida-os a adquirir a cessão de um terreno, para que possam ter suas próprias casas, com mais conforto e, assim, virem até com mais frequência para a praia, pois não mais teriam de passar por todo o trabalho de montar e desmontar barracas e equipamentos.

Os preços são acessíveis e financiados em vários anos, de modo que as prestações são de pequeno valor e ambos, João e José, compram seus espaços, um ao lado do outro.

No verão seguinte, eles não mais precisarão montar suas barracas, pois agora já terão suas casas, mas a vida não será mais a mesma.

José, dono de uma empresa de ônibus, mandou construir uma bela casa de alvenaria, finamente decorada, dois pisos, janelas e portas de madeira nobre, sacada com vista para o mar, telhado com telhas esmaltadas que reluzem ao sol e tudo o mais que uma bela casa deve possuir.

João, motorista de ônibus, também construiu sua casa; porém, de acordo com outros padrões, um pouco menos exigentes. Numa meia água, de três metros de frente por seis de frente a fundos, paredes de tijolo sem reboco, telhas de cimento amianto, janelas de alumínio do tipo mais barato e, naquela peça única, um fogão, uma pia, geladeira... um pouco melhor que a antiga barraca.

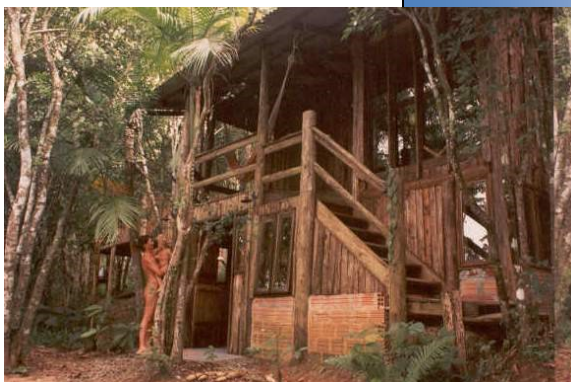
Ambos construíram suas casas de acordo com seus padrões, possibilidades e expectativas.

Ao se depararem, agora, no ambiente naturista que antes lhes favorecia a amizade e a aproximação, suas diferentes realidades socioeconômicas começam a corroer a costumeira espontaneidade.

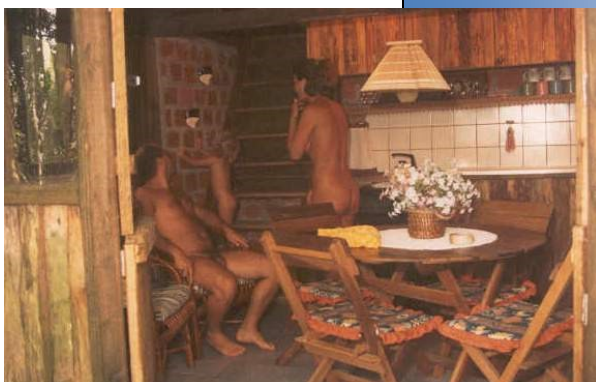
A idéia de fazer churrasco juntos, congregando as famílias, começa a ser desestimulada por sensações de constrangimento despertadas pela nova realidade. Ambos passam a procurar novos amigos, mais de acordo com seus níveis sociais, para não correrem o risco de gerar situações que possam ser interpretadas como ostentação, inferioridade, exibicionismo, relaxamento, esnobação, mau gosto.

Em pouco tempo, a magia que a Praia do Pinho produzia sobre aquelas duas famílias deixaria de acontecer e o simples atrativo de poder ficar ali, sem roupa, não mais seria forte o suficiente para que essa continuasse sendo a sua opção de veraneio.

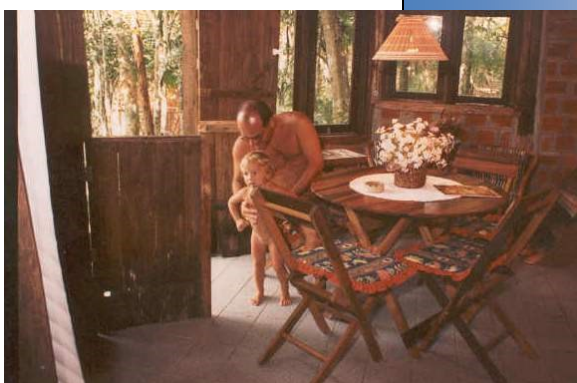
A adoção de normas rígidas quanto ao tipo de materiais a serem empregados, o limite de área de ocupação sobre o terreno e a fiscalização sobre os projetos a serem executados acabou se impondo como elemento essencial do projeto como um todo. A finalidade maior nunca poderia deixar de ser a de criar um lugar no qual as relações de amizade fossem facilmente despertadas e costumeiramente fortalecidas, mesmo que, para isso, certas liberdades tivessem de ser tolhidas e alguns costumes e valores modificados.



*Vista externa de uma cabana no Paraíso da Tartaruga: Tijolos sem reboco ou pintura, colunas de eucalipto, paredes com vidros.*



*Interior simples e aconchegante, com sala/ cozinha conectada diretamente com o ambiente externo.*



*Visão da parte térrea da cabana, com área total de 50 metros quadrados.*

*Vista da varanda do albergue, com deck e árvores passando por dentro da construção.*



*Arlete e Valentina na janela de uma das cabanas do Paraíso da Tartaruga.*



*Celso (filmando), Carlos Galz e Wilson, iniciando a construção de sua cabana, e Edson Medeiros.*





*Porta de entrada do restaurante Tijolo Doido, no subsolo da sede da AAPP/FBN.*



*As paredes de costaneira, janelas com plástico transparente, mas a mesa bem equipada para o café-da-manhã dos hóspedes do albergue.*



*Celso, Rose e Edson Medeiros, com amigos no pátio do restaurante Tijolo Doido.*



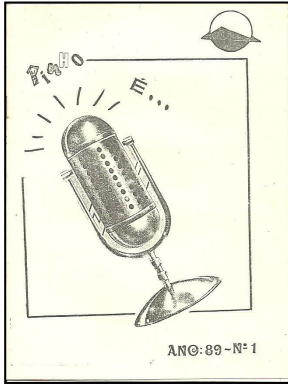
## **A NATURIS E O PROFISSIONALISMO**

Em 1989, Paula e eu havíamos fundado a Naturis Empreendimentos Naturistas Ltda, cujo objetivo era o de desenvolver o naturismo através de publicações, vídeos e empreendimentos naturistas e de abrir oportunidades de trabalho a naturistas que quisessem se dedicar, em tempo integral, ao naturismo.

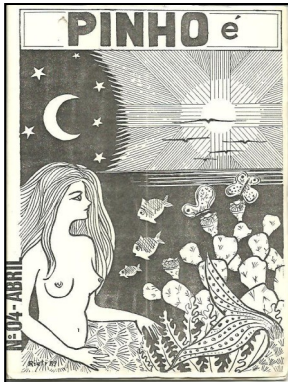
A Revista Naturis acabou se tornando, ao longo dos anos, a principal referência do naturismo no Brasil. A cada dois meses publicávamos novas edições, com matérias sobre áreas naturistas no exterior, artigos sobre a filosofia naturista e reportagens sobre os empreendimentos naturistas que começaram a se espalhar pelo país, a partir da fundação da FBN.

Os vídeos documentários que produzimos também contribuiriam muito para a difusão do naturismo. Milhares de cópias circularam pelo Brasil, com documentários de uma hora de duração, sobre a Praia do Pinho e, mais tarde, sobre Colina do Sol.

Voltando à Praia do Pinho, o projeto final para o Paraíso da Tartaruga começava a tomar forma e o batizei de Projeto de Ocupação Naturista, já que era caracterizado por um peculiar sistema jurídico, ético e ecológico. Durante mais de um ano, minutas de contratos foram feitas, refeitas, e examinadas por diversos advogados, da parte dos donos das terras, que se sentiam inseguros em comprometer seu imóvel com tal projeto.



*Primeira edição do PinhoÉ, de 1989, boletim informativo da AAPP e embrião da Revista Natutris.*



*Quarta edição do PinhoÉ, já com a capa mais elaborada e um maior número de páginas.*



*NuSol, informativo da FBN, com o selo da INF. O naturismo brasileiro institucionalizado.*

*Celso saltando no costão da Praia do Pinho, capa da Revista Naturis número Zero.*

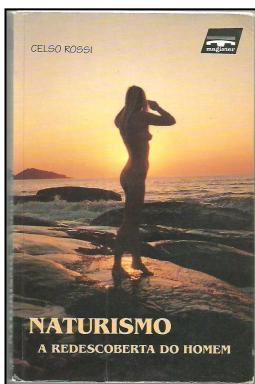


*Já com patrocínios da Prefeitura do Conde e da PBTUR, a Naturis número 1 saiu com capa colorida. Só o fotolito da capa, na época, custou cerca de US\$1,000.00.*

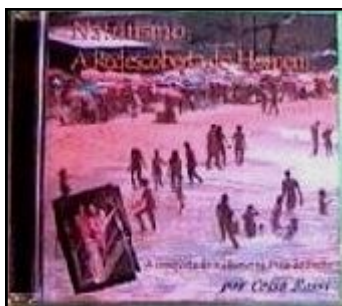


*Naturis número dois, com o lançamento de Pedras Altas: capa em duas cores, mais econômica.*

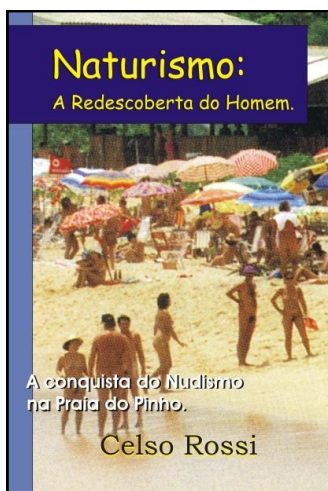




*Primeira edição do livro “Naturismo: A redescoberta do homem”. Escrito em 1988 e atualizado mais tarde, para publicação.*



*Com a entrada na era digital, o livro virou CD, em 1997.*



*Finalmente, com o advento da internet, o livro passou a ser acessível gratuitamente, pela internet.*

## PEDRAS ALTAS

Nesse meio tempo, recebi a visita de um fazendeiro de Urubici, José Élvio, com seu filho, dizendo que possuía uma área muito bonita com uma “praia particular”, um pouco ao sul de Florianópolis. Convidou-me para visitá-la e, quem sabe, desenvolver um empreendimento naturista lá.

Convidei Edson Medeiros, um amigo de São José dos Campos, que estava passando uma temporada na sua cabana no Paraíso da Tartaruga, e fomos até a tal praia, chamada Pedras Altas.

Era o nosso paraíso tão sonhado! A propriedade consistia de duas lindas praias de mar calmo, uma rasa e outra profunda, cercadas por um morro em forma de anfiteatro, cujo cume era a divisa da propriedade: privacidade total. Bem entre as duas praias corria um pequeno riacho de água cristalina. Dois únicos obstáculos à vista: a estrada ficava a 2km de distância, bem como a energia elétrica, mas eram sanáveis.

Não demorou e o contrato foi assinado. Elaborei um projeto com o sistema de vendas, a formatação jurídica, o sistema de propriedade, o clube, um croquis da idéia global e lançamos as vendas através da Revista Naturis, que era uma publicação bimestral que editávamos na época. Antes de iniciar os trabalhos físicos na área, tive o cuidado de fazer uma visita ao superintendente do Ibama em Santa Catarina e ao diretor geral da FATMA, em Florianópolis, entidades governamentais de fiscalização do meio ambiente. Tanto um quanto o outro mostraram-se entusiasmados com o projeto, especialmente pelo cunho ecológico do mesmo.

Naquela época, o ecologista José Lutzenberger era Secretário do Meio Ambiente do governo Collor e também naturista, frequentador do Paraíso da Tartaruga. Frequentemente discutia com ele as idéias de preservação que tinha e outras ligadas ao próprio naturismo. Ele colaborou com idéias para projeto de Pedras Altas, especialmente no sistema de tratamento de esgotos que eu pretendia implantar, com a circulação da água em circuito fechado.

Com o início das vendas, comecei os trabalhos no local, montando acampamento e levando todo o material de construção pelo mar, pois ainda não tínhamos estrada. Construí um restaurante na beira da praia e uma pequena pousada, com cinco apartamentos.

Era grande a dificuldade, pois morávamos na Praia do Pinho, distante

100 km de Pedras Altas, com ligação pela BR101 num dos trechos mais movimentados da mesma, justamente durante a época em que estava sendo duplicada, com constantes interdições e engarrafamentos quilométricos. Duas a três vezes por semana tínhamos de fazer o trajeto para levar os trabalhadores do Paraíso da Tartaruga, que eram filhos de pescadores locais que eu ensinara a construir meus modelos de cabanas rústicas, até Pedras Altas, pois a mão-de-obra, lá, era muito difícil.

Quando já estávamos com a estrada aberta, recebendo um bom público naturista, com Decreto legalizando o naturismo na praia, etc., recebemos a visita de um fiscal da FATMA, com uma autuação, embargando as obras, informando que Pedras Altas estava situada dentro dos limites do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro.

“Impossível”- pensei. “Se eu já tinha apresentado o projeto aos dirigentes do Ibama e da FATMA e nada foi falado a respeito, como agora um fiscal vem embargar nossos trabalhos?”

Os doze meses que se seguiram foram muito difíceis. Tratei logo de estudar o decreto de criação do parque. Percebi que o texto do decreto não descartava a possibilidade de implantação do projeto. Gestionei politicamente por todos os caminhos possíveis. O Secretário do Meio Ambiente do Governo Federal encaminhou um ofício aos diretores da FATMA, reconhecendo que o Projeto Pedras Altas enquadrava-se perfeitamente nos objetivos do parque, superando-os, inclusive; o Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina prontificou-se a encaminhar uma Lei, se necessário, para a liberação do projeto; o governador Wilson Kleinubing adorou o projeto e ordenou à sua comandada Jucélia Cardoso Caetano, Diretora Geral da FATMA, que elaborasse, junto comigo, uma maneira de viabilizar o projeto... Nada disso, entretanto, foi mais forte que a determinação de um funcionário de terceiro escalão da entidade, engenheiro responsável por assinar a autorização do projeto, decidido a não permitir que nosso empreendimento naturista ecológico se realizasse nos limites do parque.

Foi um longo período de gestões, idas e vindas, sucessos e fracassos, que resultaram num dossiê, de mais de quinhentas páginas, que elaborei para denunciar, pelo menos, sete crimes cometidos por funcionários públicos contra nós, no decorrer dos processos administrativos que promovemos, visando a implantação de Pedras Altas. Quando entreguei o dossiê ao Secretário de Meio Ambiente do Estado de SC, ele o encaminhou para a

FATMA, para análise: encaminhou aos próprios denunciados!

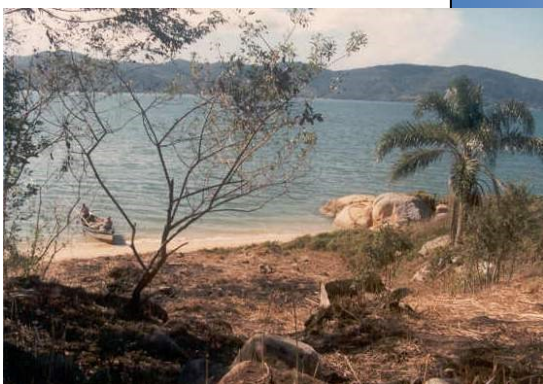
Foi uma história longa, cheia de capítulos sofridos e muita luta, que não cabe aqui relatar. Apenas referir que, vinte anos depois, o restaurante e a pousada continuam lá, Pedras Altas ainda é uma praia naturista, mas o projeto de uma vila ecológica acabou indo realizar-se noutra lugar.

Era Páscoa de 1994 quando a Paula e eu decidimos deixar a Praia do Pinho e Santa Catarina para começar tudo de novo.

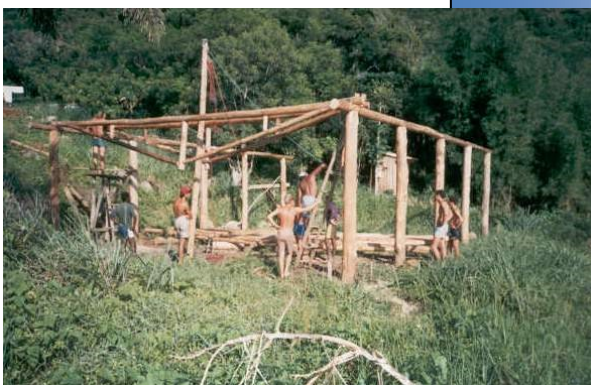
Sem nunca termos falado no assunto antes, tomamos a decisão num sábado, pelas dez horas da manhã. Desci até a Praia do Pinho, encontrei um amigo no caminho e disse que estava vendendo minha casa no Paraíso da Tartaruga. Ele fechou o negócio, na hora. Poucos passos adiante, encontrei outro amigo e disse que estava vendendo o bar e a pousada. Novo negócio realizado. A Paula nem acreditou quando subi da praia, uma hora mais tarde, tendo vendido nossa casa e nosso negócio: estávamos, novamente, soltos na estrada.



*Vista frontal da praia de Pedras Altas, na Enseada do Brito/SC.*



*Todo o material de construção, para a construção do galpão, chegava de barco.*



*Com dificuldade de conseguir mão-de-obra local, Celso e Paula os levavam e buscavam, da Praia do Pinho (100 km), duas vezes por semana.*



*Inauguração da praia de Pedras Altas, com a presença da Polícia Militar, Secretário de Turismo de Palhoça, Celso Rossi e Carlinhos Khur Neto.*



*Com Carlinhos, colocando boias para sinalizar o limite de aproximação de embarcações de turistas.*



*Flávio Rolin, Carlinhos Khur e Bob Marley. Responsáveis pela administração da praia.*





*Beto e Celso, conferindo as obras do lagui-nho no riacho de água doce.*



*Construção da pou-sada, com recursos arrecadados de alguns naturistas e de Luiz Rossi, pai de Celso.*



*Beto e Paula, defronte da pousada, já pronta e em funcionamento.*

*José Élvio, dono da área de Pedras Altas, Celso Rossi, Paula Andreazza e o Gov. Wilson Kleinubing, obtendo apoio ao projeto Pedras Altas.*



## **OUTRAS EXPERIÊNCIAS NO BRASIL E NO EXTERIOR**

*Celso caminhando em Tambaba/PB, logo após o lançamento da praia.*



*Com o Secretário de Turismo e o Prefeito Aluísio Régis, conferindo as instalações na recepção da praia.*





*Celso, segurando a bandeira da FBN, com Sérgio de Oliveira, na portaria da praia de Tambaba/PB.*



*Celso Rossi, com Aluísio Régis, à esquerda, e autoridades do Gov. do Estado da Paraíba, após, realizar palestra sobre naturismo em João Pessoa/PB.*



*Celso discursando no evento comemorativo aos 10 anos da praia de Tambaba/PB.*

*Primeiras reuniões  
do NPN—Núcleo  
Paulista de Naturis-  
mo no Rincão, em  
Guaratinguetá/SP.*



*FBN doou a areia  
para construir uma  
praia para os natu-  
ristas do Rincão.*



*Celso construindo  
um trapiche no  
lago, para facilitar  
a utilização do  
lago, para banho.*





*Trapiche e praia  
concluídos: uma  
nova área de lazer  
para os naturistas  
do futuro Clube  
Rincão.*



*Mediante contra-  
to de parceria, a  
Naturis começa a  
desenvolver Pro-  
jeto de Ocupação  
Naturista no Clu-  
be Rincão.*

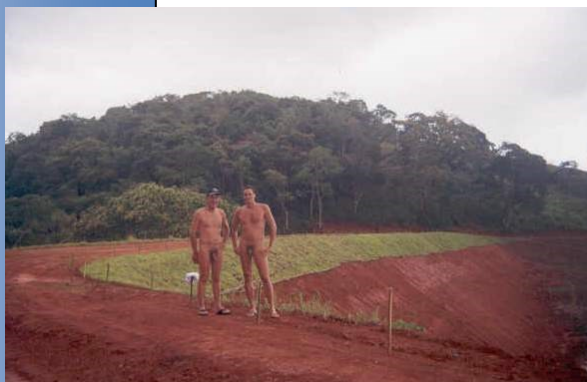


*Novas ruas e  
casas sendo  
construídas no  
Clube Rincão,  
rebatizado para  
“Portal dos  
Lagos”.*

*Celso sobre a base da barragem do lago: uma obra ofertada pela Naturis.*



*Com o engenheiro Jusa, responsável pela obra, de mais de onze metros de altura e cerca de sessenta metros de base.*



*Celso, Valdir e Sérgio de Oliveira, examinando a área a ser adquirida para o futuro Recanto Paraíso, em Pirai/RJ.*





*Sérgio de Oliveira,  
Celso e Valdir,  
inaugurando o  
naturismo no  
Recanto Paraíso.*



*Elias Alves Pereira,  
Alexandre Tsanaclis,  
Celso Rossi, Edson  
Medeiros e Edson  
Aguiar, na rampa do  
Congresso, em Bra-  
sília/DF.*



*Celso Rossi e Fernando  
Gabeira, na abertura  
da audiência pública  
sobre a aprovação da  
Lei que regulamenta o  
naturismo no Brasil.*



*II CONGRENAT, na Paraíba: representantes do Governo da Paraíba, Edson Medeiros, Presidente de PBTUR, Prefeito Aluísio Régis, Celso Rossi (lançando a Naturis n.0), Celber Pinto.*



*Celso proferindo palestra no Seminário Internacional de Turismo Ecológico.*



*No Congresso Internacional de Naturismo, no Paradise Lakes, Flórida, Estados Unidos.*





*Celso Rossi fazendo um discurso histórico, no congresso nos EUA, em 1992, com resultados contundentes.*



*No congresso internacional de naturismo, na Áustria, em 1994.*



*Celso Rossi liderando a reunião de congressistas de língua inglesa, durante o congresso no Rutar Lido, Áustria.*

## ZOOM

# RINCÃO GAIA

*O Rincão Gaia, em Pantano Grande/RS, é uma estupenda demonstração da capacidade de reciclagem das coisas danificadas pelo homem.*

*Texto: Celso Rossi  
Fotos: Paula Andreazza*



*Na casa comunitária realizam-se os cursos e palestras sobre o meio-ambiente*

**O**naturista, ecologista, ex-Secretário do Meio Ambiente, e, principalmente, paisagista - além de muitos outros títulos e prêmios - Prof. José Antônio Lutzenberger é o principal responsável pela transformação de uma antiga - e abandonada - pedreira num recanto agradabilíssimo chamado Rincão Gaia.

A grande cratera, com mais de um hectare de extensão e 20 metros de profundidade, transformou-se numa gigantesca piscina natural, com águas verde-esmeralda tão

cristalinas que permitem examinar as escarpas rochosas vários metros abaixo da linha d'água.

O solo pedregoso foi transformado em grandes arranjos de basalto em forma de vulcões, ou em delicados patamares que sustentam plantas exóticas trazidas das mais variadas partes do planeta.

O Rincão Gaia é a sede da Fundação Gaia e serve de estrutura à realização de cursos voltados à utilização preservacionista dos recursos naturais. O centro de

treinamento e alojamento, por si só, já é uma atração. Construído com telhado de capim Santa Fé, essa enorme estrutura comporta até três andares em seu interior, compondo um ambiente interno forte e convidativo à vida comunal.

O alojamento permite a acomodação de 40 pessoas, algumas em quartos para casal.

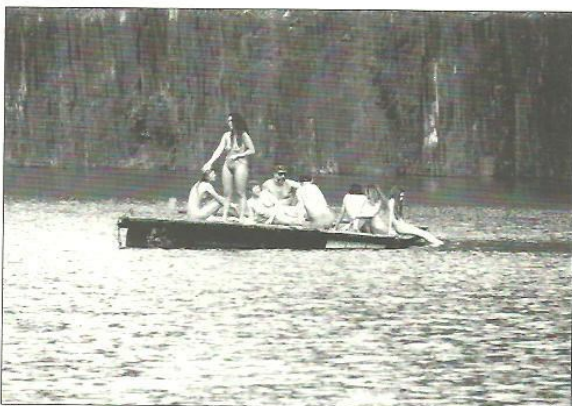
Outra construção interessante, erguida também com toras de eucalipto e coberta com capim Santa Fé, lembra uma imensa oca

# ZOOM

indígena, cônica, com mais de dez metros de altura. Se nos posicionamos bem no seu centro, podemos perceber um efeito acústico natural que amplifica a voz, como se estivéssemos falando em um microfone.

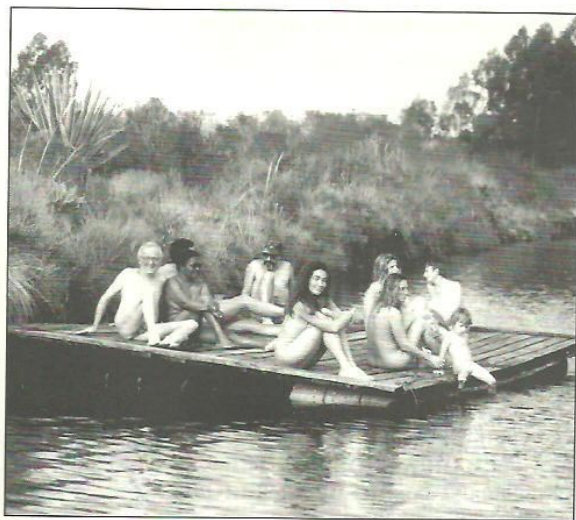
A cidade mais próxima, Pantano Grande (sem acento mesmo), dista pouco mais de 100 km de Porto Alegre, pela BR290 - em direção a Uruguaiana - e possui hotéis como alternativas de hospedagem para os usuários da área.

A convite do Prof. José Lutzenberger, o NGN - Núcleo Gaúcho de Naturismo realizou seu segundo encontro - o II Pequerrucho - no Rincão Gaia, nos dias 1 e 2 de julho. O sábado foi nublado, frio e chuvoso, como se poderia esperar de um final de semana de inverno no rio Grande do Sul. O domingo, entretanto, surpreendeu a todos



*Uma antiga mina de basalto transformou-se numa linda piscina natural*

*A grande cratera, com mais de um hectare de extensão e 20 metros de profundidade transformou-se numa gigantesca piscina natural com águas verde-esmeralda tão cristalinas que permitem examinar as escarpas rochosas vários metros abaixo da linha d'água.*



os naturistas presentes, trazendo um sol forte e uma temperatura acima dos 25 graus.

A área de entorno da grande piscina natural foi intensamente explorada pelos participantes do encontro, e as águas cristalinas - porém ainda gélidas - foram irresistíveis para alguns, que não se furtaram a um mergulho. Aliás, da mesma forma que no I Pequerrucho, foram as mulheres que se mostraram as mais valentes na resistência contra as águas geladas.

Segundo declarações do ilustre anfitrião, o Rincão Gaia poderá voltar a ser utilizado pelos naturistas gaúchos e de outras partes do Brasil, em encontros previamente organizados, para os quais o Prof. Lutzenberger promete ainda mais melhorias para os usuários da área.

**Informações sobre os encontros naturistas no Rio Grande do Sul:** NGN - Núcleo Gaúcho de Naturismo A/C És Barros Rocha, Cx. Postal 9064 Porto Alegre/RS CEP 90042-970



**Núcleo Gaúcho de Naturismo**  
 Delegado: Ésis Barros Rocha  
 Endereço: Cx. Postal 328  
 Gramado/RS CEP 95670-000

## 1º PEQUERRUCHO

• De uma forma surpreendente, para quem não conhece o clima da serra gaúcha, o domingo 21 de maio que amanheceu com uma temperatura de 10º, abriu um belo sol e ao meio dia os naturistas do NGN já estavam em traje oficial.

O encontro realizou-se na pousada "Le Chalet Suisse", que localiza-se na estrada que vai para a cascata do Caracol, entre Gramado e Canela.

As instalações do "Le Chalet Suisse" e o atendimento são nota 10. Seu proprietário, Sr. Mário, que cursou hotelaria na Suíça, não mediu esforços para que os naturistas se sentissem realmente à vontade.

• O nome "Pequerrucho" - Pequeno Encontro do Naturismo Gaúcho, embora o esperado frio fizesse prever uma substancial diminuição em



"Le Chalet Suisse", Canela/RS

algumas partes do corpo masculino, não foi criado em alusão a isso. Pequerrucho seria o nome de um encontro com poucos participantes que, aos poucos - nos próximos eventos deverá crescer em número.

• Na reunião do Conselho Maior da FBN, foi aprovado, com honras a indicação do novo delegado Ésis Barros Rocha.

• A água da bela cascata que situa-se no interior da pousada estava, segundo comentários dos que a experimentaram, numa temperatura

"Polonórdica". O calor do espírito do grupo, entretanto, compensou e até inspirou a alguns mais corajosos a um mergulho nas águas da cachoeira.

• O próximo "Pequerrucho" já foi marcado para os dias 1 e 2 de julho. O local ainda será decidido, pois existe um convite do Prof. José Lutzenberger para a realização de um encontro na área da Fundação Gaia em Pântano Grande, e também a possibilidade de realizar-se um novo encontro no "Le Chalet Suisse", que foi plenamente aprovado pelo naturistas presentes no evento.

• Contatos serão realizados pelo Delegado do NGN, no sentido de abrir possibilidades para a prática do Naturismo. Dentre os municípios sugeridos pelos naturistas do grupo estão os de Três Coroas, Osório e Cidreira.

• Uma contudente demonstração de integração dos naturistas de Norte a Sul do Brasil, foi o fato de terem sido sorteadas camisetas do NORNAT no encontro do NGN. As camisetas foram oferecidas pelo Delegado do NORNAT, Paulo Sérgio Moscôso.



"Le Chalet Suisse", Canela/RS

## A PROCURA DO LOCAL

Já fazia anos que proprietários de terras na beira do mar me procuravam para oferecer seus terrenos para execução de projetos naturistas. Várias viagens a praias de São Paulo e Rio de Janeiro me levaram a conhecer lugares maravilhosos, ciceroneado pelos proprietários que tinham seus imóveis presos pela legislação de proteção da Mata Atlântica e julgavam que, por sermos naturistas e ligados ao meio ambiente, teríamos nossos projetos aprovados... Ledo engano.

Quando saímos do Paraíso da Tartaruga, fomos morar em Canela/RS, numa casa emprestada por meu pai, num condomínio fechado. Enquanto batalhávamos para reerguer a revista Naturis, após um longo período de inatividade, eu viajava para procurar uma nova área para realizarmos o projeto da vila naturista. Meu foco estava no litoral da Bahia, no interior de São Paulo e no próprio Rio Grande do Sul, que, apesar de não ser uma região tão quente, era onde tínhamos o maior contingente de naturistas cadastrados nos nossos registros.

O tempo foi passando e o frio de Canela consumindo todos os nossos recursos para aquecer a casa. Naquele inverno ocorreu a maior nevasca em muitas dezenas de anos e ficamos com mais de dez centímetros de neve ao redor da casa. O dinheiro da venda da nossa casa a Praia do Pinho acabou e estávamos vivendo com recursos advindos das vendas de fitas de vídeo de um documentário naturista que eu tinha recém produzido. Quando as vendas de fitas começaram a diminuir, conseguimos um empréstimo de cinco mil reais com o pai da Paula, para comprarmos dez mil endereços de médicos de São Paulo e fazermos uma mala-direta para venda de mais vídeos. Foi um trabalho cansativo, imprimindo, envelopando, levando ao correio... O resultado foi um fracasso total: vendemos uma fita apenas.

Foi nesse cenário financeiro que um anúncio no jornal me chamou a atenção, pois oferecia uma área de terras de 45 hectares, coberta por florestamento de eucalipto e acácia e uma frase tentadora: “Só o mato já paga a terra!”

Já tinha visto mais de trinta áreas em diferentes regiões do Brasil, mas essa, finalmente, era a apropriada para implantar o projeto. Situava-se no topo de um pequeno morro, com vista panorâmica de quase trezentos e sessenta graus. O terreno era plano no topo, numa área de cerca de cem mil metros quadrados, suficiente para construir um bom lago, áreas de es-

porte, praças, etc., que seriam circundados pelas áreas residenciais. Muitas pedras em tamanhos apropriados para o uso em calçamentos ou construções pareciam brotar da grama, o que inviabilizava a agricultura mecanizada no local e, com isso, reduzia o valor da terra. Havia muitos milhares de árvores jovens de acácia e eucalipto. Os eucaliptos seriam imediatamente aproveitáveis para as construções e as acácias formavam bosques belíssimos, com sombras agradáveis, que seriam ambientes ótimos para construir as casas de madeira, protegidas do sol e dos ventos.

Quando cheguei na parte mais alta e plana do terreno, examinei o solo e percebi que era formado por uma argila impermeável e certamente reteria a água, caso fosse escavado. Naquele momento, como numa visão, senti que tudo “tinha acontecido” ali. Escutava as crianças brincando, as pessoas conversando, o sol brilhando sobre os corpos nus e livres.

Voltamos para casa e tratei logo de buscar minha agenda de telefones, pois tinha, há anos, vários candidatos a serem parceiros. Diziam: “Celso, quando tu fores construir um empreendimento teu, me chama que vou querer ser teu sócio!”. Logo localizei os nomes e telefones e comecei a ligar, contando do terreno que tinha encontrado, do valor da terra, que era muito em conta, do número de casas que poderiam ser construídas, do lago e da praia que iria fazer... E a resposta era a mesma: “Ah, mas aí no Rio Grande do Sul é muito frio.” Não consegui nenhum parceiro para a compra da terra.

Eu sabia, no fundo, que o projeto se realizaria, pois já tinha “visto” tudo pronto. “De algum modo, aconteceu.”- pensava. Faltava descobrir como.

Apanhei um farto material sobre naturismo, meus projetos da Praia do Pinho, do Paraíso da Tartaruga, de Pedras Altas, revistas Naturis, reportagens de jornais e revistas, e marquei um encontro com os proprietários da terra. Apresentei meu material e propus uma parceria: eles permaneceriam proprietários da terra, vendendo apenas as cessões de uso dos espaços para as casas dos naturistas; eu criaria um clube que gerenciaria o empreendimento e construiria toda a infraestrutura.

Só alguns dias depois fiquei sabendo que eram evangélicos e nem tiveram coragem de contar às esposas o teor da minha proposta e a finalidade para a qual eu estava tentando adquirir a terra.

Minha tentativa seguinte foi com um investidor, amigo de meu pai.

Ele não era naturista, mas conhecia meu trabalho à frente do naturismo no Brasil e especialmente na Praia do Pinho. Este concordou de visitar a área, o que já foi um sucesso. Caminhei com ele pela propriedade, por cerca de uma hora, explicando detalhes do projeto e apontando: “Ali, vou construir uma piscina; ali, uma área de esportes; lá, vou construir um lago e uma praia; vou cavar ao redor daqueles coqueiros, de modo que fiquem numa ilha e as pessoas vão poder passear de barco ao redor...”

Ele ficou encantado com meus planos, mas ao final disse: “Celso, eu já tive chácara e depois tive muita dificuldade em vendê-la. Não vou comprar essa terra, mas estou vendo que você está muito entusiasmado e, se você quiser, posso te emprestar o dinheiro.”

“Eu quero!” – respondi, sem nem perguntar detalhes de como seria tal empréstimo.

## **O EMPRÉSTIMO**

O empréstimo que eu estava aceitando era no valor de cinquenta mil dólares, equivalentes ao preço dos quarenta e cinco hectares que estavam à venda, por um prazo de doze meses, com juros de três por cento ao mês! Pagos mensalmente.

Isso significava comprar uma terra nua, sem banheiro, sem energia elétrica apropriada, sem acesso adequado, em pleno inverno gaúcho, para lançar vendas de um projeto naturista, com terrenos ao preço de lançamento de mil e quinhentos dólares, sendo que teria de vender uma cessão de uso – tipo de contrato de cessão do terreno – por mês apenas para pagar os juros da dívida. Dali a doze meses, teria de ter mais cinquenta mil dólares na mão para pagar o empréstimo.

Além disso, era requerido um imóvel, com pelo menos o dobro do valor do empréstimo – não podendo ser a própria terra – para ser dado em hipoteca, como garantia do pagamento.

Aqueles foram dias complicados. A compra da área de terras para construir a Colina do Sol estava sujeita a uma delicada situação familiar.

O único imóvel que poderia ser dado em garantia era uma casa de veraneio dos meus pais, resultado das economias de toda uma vida de trabalho e bem de segurança da família.



Eu acreditava muito no projeto, estava confiante de que conseguiríamos pagar os juros e o principal, sem colocar em risco o patrimônio da família, mas, na verdade, o número de variáveis das quais depende o sucesso de um empreendimento desse tipo era ainda muito maior do que eu supunha. Eu dependia totalmente dos meus pais e não podia influenciá-los na decisão, que só cabia a eles.

Se estou, hoje, escrevendo esta história é porque eles tiveram a coragem de ousar, me dando todo o apoio necessário.

Fizemos a escritura pública da hipoteca da casa para obter o empréstimo e, enquanto a Paula e o meu pai finalizavam a compra da terra, eu já estava em São Paulo, como presidente da FBN, prestigiando o aniversário do Clube Rincão, em primeiro de agosto, que também era meu aniversário e a Colina do Sol estava sendo comprada neste mesmo dia!

Voltando ao Rio Grande do Sul, era hora de começar a trabalhar na área.

## **A FUNDAÇÃO DO CLUBE**

Junto com a compra da área, por sugestão do meu pai, adquirimos uma caminhoneta Rural Willys, antiga, que acabou sendo muito importante, pois o terreno ficava no topo de um morro e o acesso até o local era difícil para automóveis normais. Nas primeiras idas até lá, e durante um bom tempo, alguns naturistas preferiam deixar seus automóveis numa loja de ferragens que ficava a cerca de 2 km de distância, no pé do morro, e íamos buscá-los com a Rural.

Tínhamos de batizar o projeto, definindo que nome a área teria. Paula, eu e meu pai passamos alguns dias apresentando sugestões uns para os outros, de nomes que poderíamos cogitar.

Os nomes que eu escolhera para os dois outros projetos naturistas que já tinha feito, pareceram interferir no andamento dos mesmos. “Paraíso da Tartaruga” foi escolhido por situar-se na Ponta da Tartaruga, nome que já existia, ao lado da Praia do Pinho. O que aconteceu com o projeto, depois de um determinado momento, foi que as coisas começaram a andar cada vez mais devagar, em passos de tartaruga, e acabamos tendo de sair de lá para começar de novo. O mesmo aconteceu com “Pedras Altas”,

que já era o nome da praia onde estávamos implantando o projeto. Era um bonito nome, mas tivemos um problema persistente com a estrada que danificava os automóveis dos naturistas, que vinham conhecer o local, que, invariavelmente, batiam seus carros nas “pedras altas” da estrada de acesso e acabavam decidindo não voltar mais.

Agora tinha de escolher um nome que não caracterizasse nenhum obstáculo para o nosso trabalho.

A etapa mais delicada do projeto seria o primeiro ano, enquanto estávamos com uma dívida correndo, com pagamentos de juros mensalmente. Para garantir que tivéssemos movimento de pessoas chegando e potenciais interessados em adquirir cabanas ou associar-se, precisávamos de sol e calor, ainda mais por estarmos no sul do país, numa região mais fria. Precisaríamos de muito sol! O nome teria de ter “Sol”. Como a área se configurava como uma pequena montanha, o nome “Colina”, apesar de não caracterizar propriamente a topografia do lugar, soava mais aberto e alegre. “Colina do Sol” foi nossa escolha.

Acho que não seria difícil reconhecer que o nome deve ter influenciado uma estatística muito peculiar: durante todos os finais de semana – absolutamente todos! – do primeiro ano da Colina do Sol, o sol apareceu e aqueceu o suficiente para que se pudesse praticar o naturismo, como de fato se constatou.

Parte importante do projeto era a criação de um clube, que desenvolveria a parte social, com atividades recreativas, esportivas, festas e deveria ser o órgão colegiado e independente para julgar os casos de infração às normas, que poderiam resultar em expulsão.

Já tinha fundado dezenas de outros clubes e associações, de modo que foi natural redigir uma ata de fundação, incluindo o meu nome, o da Paula e de mais dois amigos, que fui posteriormente procurar, em Porto Alegre, para que assinassem a ata de fundação do CNCS – Clube Naturista Colina do Sol.

## **O LANÇAMENTO DO PROJETO**

Era muito importante que realizássemos o quanto antes as primeiras reuniões de naturistas na área, pois tínhamos o prazo para o pagamento da

primeira parcela dos juros correndo e não dispúnhamos de recursos.

O dia 20 de agosto de 2005 apresentou-se como sendo o mais próximo possível e com tempo hábil para que mandássemos as correspondências de convite aos naturistas do Rio Grande do Sul que, naquela época, em função dos anos de trabalho na Revista Naturis, na Praia do Pinho e na presidência da FBN, representavam cerca de duzentos endereços.

Paula tinha sido convidada, por uma importante revista, a ir realizar uma reportagem fotográfica no Club Orient, uma das maiores áreas naturistas do Caribe. Era uma oportunidade única, uma viagem espetacular, com tudo pago e uma grande oportunidade profissional, mas a presença dela no primeiro encontro de lançamento da Colina do Sol era vital. Tanto assim que, chegado o dia programado, dos duzentos convites enviados, a Colina do Sol recebeu um número recorde de naturistas: nove. Entre adultos e crianças. Sendo que a Paula, eu, o Gabriel e a Valentina éramos quatro desses nove!

Fizemos um fogo no chão e assamos lingüiça para comer com pão. Mostrei a área aos convidados, descrevendo os planos e as obras de infraestrutura que pretendia realizar. Ao fim do dia, César Rossetto, meu amigo de muitos anos, comprou a primeira Concessão de Uso, o primeiro espaço vendido na Colina, ao preço de um mil e quinhentos dólares. Foi uma festa, pois aquilo significava que já tínhamos o dinheiro para pagar os juros do primeiro mês! Agora só faltava atrair mais naturistas, que se engajassem no mesmo sonho, para viabilizar a construção de uma piscina, banheiros, ruas, um restaurante, etc., etc..



*Primeiro encontro de naturistas na Colina do Sol, em 20 de agosto de 1995. Éramos 8 adultos e 2 crianças.*



*Procurando água, para poder tomar banho ao final do dia.*



*A primeira rua sendo construída, para dar acesso ao local do acampamento.*

*A Rural Willis que buscava os naturistas no pé do morro, quando a estrada era difícil para automóveis comuns.*



*Silvio fazendo a primeira mesa para refeições, no local que seria o futuro restaurante.*



*Depois da mesa, um meia-água, na primeira concessão comercial da Colina do Sol.*





*Início da construção do banheiro do clube.*



*O banheiro ainda sem telhado, mas já em utilização. Posteriormente, foi construído o albergue (pousada) sobre o mesmo.*



*A Rural Willis foi trocada por uma carreta agrícola, com tração nas 4 rodas, para transportar pedras para as construções.*

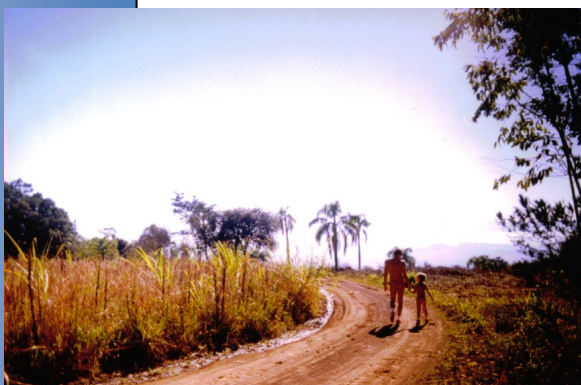
*A construção da primeira casa e o primeiro, no meio do mato de eucaliptos.*



*Já com a casa pronta, reunião com os funcionários: chegamos a ter mais de 30,*

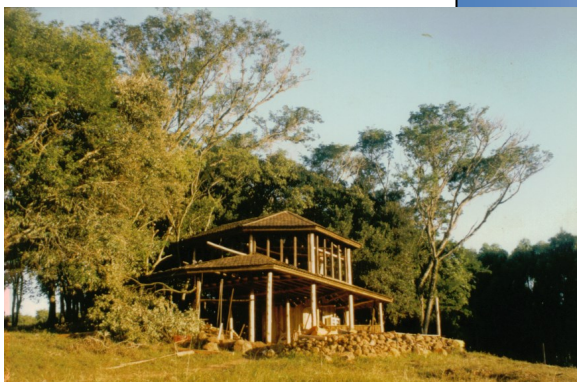


*Passeando com Gabriel pela rua que dava vista para Taquara. Depois o mato cresceu e mudou a paisagem.*





*A extensão da rede elétrica de alta tensão: 1,6km, mais transformador. Custou um terço do valor da terra.*



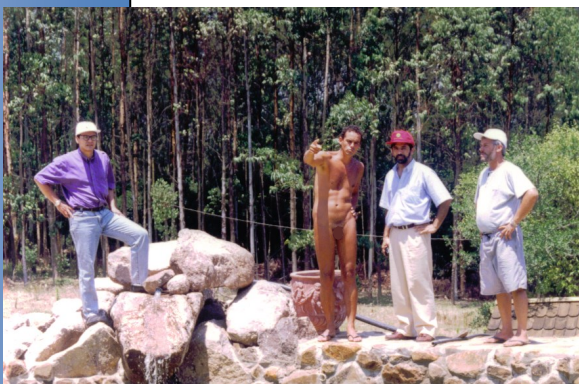
*Aquela meia-água deu lugar ao restaurante e ao escritório, no segundo andar.*



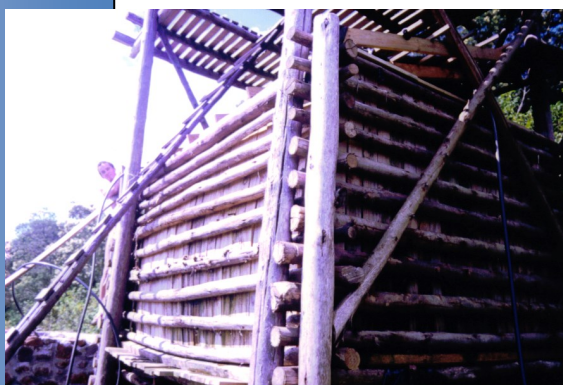
*Reunião com o prefeito, vice-prefeito e secretário de turismo em Taquara.*



*Prefeito, vice-prefeito e secretário de turismo de Taquara visitando a Colina do Sol.*



*Aproveitando a matéria-prima abundante: um reservatório de água totalmente feito com paus de eucalipto. Em cima, um mirante.*



*Depois, um reservatório maior, com paredes de pedra e fundo de concreto. Ao fundo, o antigo reservatório que abastecia toda a Colina do Sol.*



## A REVISTA NATURIS NAS BANCAS

Paralelamente ao trabalho voluntário no comando da FBN, já estávamos conseguindo manter a Revista Naturis em edições regulares, a cada dois meses, sendo vendida também nas bancas de revistas.

Na edição de número seis, de outubro de 1995, já começamos a publicar as primeiras notícias sobre a Colina do Sol, reportando uma audiência em 15 de setembro, com o prefeito municipal, Ari Rodrigues, juntamente com o secretário de turismo e o sub-prefeito responsável pela área onde se localiza a Colina. Além de apresentarmos o projeto, solicitamos melhorias nas estradas de acesso.

Na mesma edição, na seção da revista designada aos clubes e núcleos da FBN, já registrávamos os pioneiros da Colina: *“Alemão e Nanci, Sílvio e Rose e o Delegado do NGN, Ésis Barros Rocha, foram os mais assíduos e têm ‘pego no pesado’, pois nos primeiros finais de semana a Colina não possuía nem banheiros, luz ou água corrente na área dos encontros naturistas – inconvenientes já sanados – e podem ser considerados os pioneiros da Colina do Sol.”*

*“Falando em pioneirismo, não podemos nos esquecer da Margot e da Jane, que foram as primeiras naturistas a pernoitar na área, dentro do carro e cercadas por duas dezenas de cabeças de gado – que já não estão mais na área.”*

*“Outros pioneiros prometem ser Tuca e Zanza (João Ubiratan e Rosângela), que devem ser os primeiros naturistas a virem morar definitivamente na Colina do Sol.”*

*“O projeto do Centro Naturista Colina do Sol prevê o desenvolvimento de uma vila naturista com vida própria o ano inteiro. Tal objetivo deverá ser alcançado através da descentralização das atividades econômicas do empreendimento, com a concessão vitalícia de bares, lojas, restaurantes, escritórios, camping e até mesmo da pousada.”*

*“Naturistas interessados em mudar de vida, buscando um dia-a-dia mais simples e econômico – a começar pela economia de roupas – podem entrar em contato (...).”*

Na edição seguinte, de dez/jan 96, a capa da revista já trazia uma foto da Colina e a matéria de Turismo, no centro da revista, fazia o lançamento do projeto.

*“Finalmente, um grande sonho encontrou o lugar ideal e o momento certo para materializar-se em todos os seus aspectos. Numa área total de 45 hectares, o Clube Naturista Colina do Sol ocupa uma chapada, no topo do morro, com mais de 60.000 metros quadrados.*

*Tal qual uma gigantesca cerca viva, o local é cercado por florestamentos com mais de 60.000 árvores que conferem privacidade total aos naturistas que podem desfrutar do seu lazer com segurança e tranqüilidade.*

*Em alguns pontos privilegiados, para onde estão projetados bares, e restaurantes, é possível observar o nascer ou o pôr-do-sol sobre uma paisagem de mais de 50 Km para leste e para oeste, pois a Colina do Sol situa-se no ponto mais alto da região.*

*O projeto do clube, na área central do empreendimento denominado Centro Naturista Colina do Sol, prevê a construção de dois grandes lagos, um dos quais já está na fase final de escavações.*

*O lago Norte, composto por duas bacias, uma pequena ilha e um canal sinuoso, que passa por dentro de um bosque, será destinado à pesca e aos passeios de canoa. O lago Sul, com uma área inundada de aproximadamente 2 hectares terá duas grandes praias de areia branca e uma ilha com sombra de coqueiros nativos, que a própria natureza incumbiu-se de agrupar, prevendo o nobre destino que um dia teriam. Esse lago será destinado apenas a banhistas.*

*Além dos lagos, o clube será equipado com piscinas, quadras de vôlei de areia, tênis, futebol e poliesportiva, além de um ginásio de esportes coberto, para os dias de chuva. O ginásio de esportes será também um espaço para a apresentação de peças teatrais e shows.*

*Ao redor dessa área central serão construídos dois pequenos centros comerciais para a instalação de sorveterias, mini-mercados, lojas, livrarias, escritórios, etc., que estão sendo comercializados aos interessados em residir no Centro Naturista Colina do Sol e ter seu próprio negócio.*

*Essa é a tônica central de todo o empreendimento: criar possibilidades de trabalho para que naturistas possam viver permanentemente no local.’*

*Os bares, restaurantes, camping e a própria pousada estão sendo terceirizados sob a forma de concessões de uso. As habitações são construídas mediante a assinatura de contratos de concessão de uso do terreno e*

*da própria casa.*

*A área residencial do Centro Naturista Colina do Sol comportará mais de duzentas casas, que circundarão o clube.*

*O empreendimento está na sua fase inicial, mas já conta com piscina, quadra de vôlei de areia com uma pequena praia e lago, cancha de bocha, camping e dois bairros da área residencial abertos às construções.*

*Na Colina do Sol as casas são rústicas e aconchegantes, com sua estrutura de eucalipto ou paredes de pedra: material abundante em toda a área. Os telhados são feitos com telhas de madeira, dando um visual belíssimo e adequado ao ambiente de montanha.*

*Atraídas pelo chamamento do pioneirismo na construção da primeira “cidade naturista” do hemisfério Sul, várias famílias das mais variadas partes do Brasil já estão mantendo contatos e fazendo as malas para mudar-se, definitivamente, para a Colina do Sol.*

*A prefeitura de Taquara, município onde se localiza o empreendimento, especialmente nas pessoas do prefeito Ari Rodrigues e do secretário da Indústria, Comércio e Turismo, Luiz Carlos Lopes, está dando todo o apoio.’*

*O município deixará de ser apenas o caminho de passagem para a serra gaúcha, pois passará a ter seu próprio atrativo turístico de nível internacional.*

*O sonho é grandioso e o projeto é arrojado, mas a área é magnífica, a localização propícia e os naturistas que chegam a cada final de semana surpreendem-se com a velocidade das obras, que já começam a materializar o que até há bem pouco tempo não passava de uma fantasia.”*

Assim a Revista Naturis retratava o momento da Colina.

A cada dois meses, novas matérias de capa sobre a Colina, com cartazes da revista expostos nas paredes das bancas de Revistas de Porto Alegre e de outras capitais do Brasil, despertava o interesse de mais pessoas em vir participar do que estava acontecendo.

A distribuição da Revista Naturis, por intermédio de distribuidoras especializadas, não estava trazendo resultados satisfatórios, pois a Naturis acabava ficando esquecida no depósito em meio a tantas outras publicações. Marcelo Pacheco, que já trabalhava na Colina do Sol, foi então convidado a iniciar um serviço de distribuição direta para as bancas de revistas.

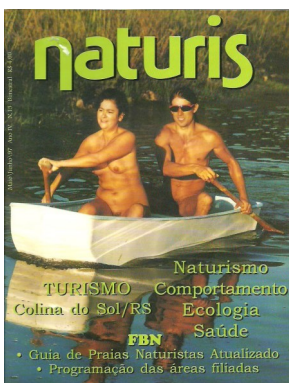
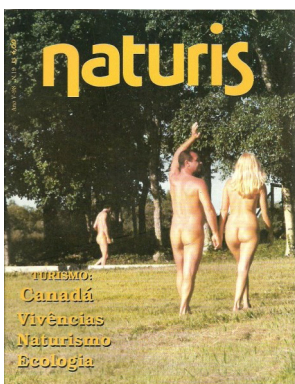
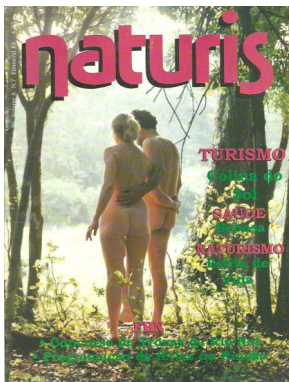
Compramos uma moto com bagageiro e ele ia, de banca em banca, fazendo a distribuição e colando cartazes. O resultado desse trabalho foi o crescimento das vendas, em Porto Alegre, em índices sem precedentes. A Naturis vendia mais do que muitas revistas tradicionais, pois passou a ficar exposta, através de um trabalho personalizado de contato com o pessoal das bancas.

Poucas edições após, Marcelo assumiu a distribuição direta também para a cidade de São Paulo. Na sequência desse desenvolvimento, ele foi convidado a gerenciar a distribuição da Naturis para todo o Brasil, vindo residir, permanentemente, com sua companheira, Carina Moreschi, na Colina do Sol.

A Paula, já muito envolvida com outras atividades na Colina, transferiu a responsabilidade pela parte editorial da Revista Naturis para a Carina, que integrou-se ao time, ao mesmo tempo em que cursava a faculdade de Publicidade, em Taquara. Carina, juntamente com a equipe da TCA Informática, desenvolveram, então, a Revista Naturis Online, levando a possibilidade aos naturistas e simpatizantes de realizar o download da Naturis no seu próprio computador.

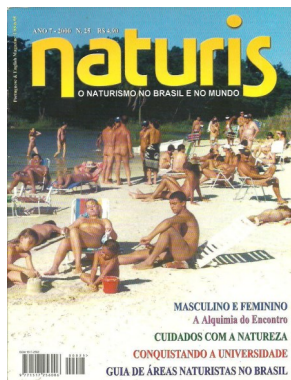
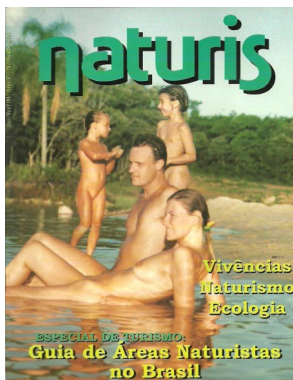
Finalmente, em meados do ano 2000, Priscila Zanchetta, produtora cultural, veio instalar-se na Colina do Sol, com seus filhos e, além de dirigir o Masti – Centro de Desenvolvimento do Potencial Humano (centro holístico da Colina), passou a apoiar o trabalho da Naturis.

Todo esse processo foi fundamental para o sucesso da Colina enquanto empreendimento naturista, pois o principal veículo de comunicação naturista do Brasil era sediado na própria Colina do Sol.



*Revistas Naturis, com fotos da Colina do Sol na capa: a cada dois meses, os cartazes de propaganda da revista eram colados nas bancas de revistas em toda cidade de Porto Alegre.*

*Vendida em bancas de jornais e revistas de todo Brasil, a Revista Naturis divulgava o crescimento da Colina do Sol e trazia novos visitantes de todos os canto do país.*



## AS RELAÇÕES JURÍDICAS

Quando adquirimos a área, já tinha todo o projeto preparado. Há anos trabalhava em parcerias com proprietários de áreas naturistas e já tinha minutas de contratos estudados e reestudados.

Como a aquisição da área foi possível a partir de um empréstimo cuja garantia pertencia ao meu pai, repassamos uma percentagem de vinte por cento da área para ele. Desse modo, a Colina do Sol possuía diferentes partes interligadas no todo: a terra pertencia aos proprietários, Celso, Paula e Luiz que, por sua vez, firmaram um contrato de parceria com a Naturis Empreendimentos Naturistas para a execução do projeto. O CNCS permutaria com os proprietários uma área de cerca de dez hectares, no centro da Colina, em troca de cem títulos patrimoniais do clube.

A terra não estava hipotecada para o credor do empréstimo, mas tínhamos de preservar o poder para encerrar o clube, se preciso fosse, para vender a terra e pagar o empréstimo, caso a residência do meu pai – dada em garantia – viesse a correr o risco de ser arrematada em leilão pelo eventual não pagamento da dívida. Nesse caso, teríamos mais condições de pagar o empréstimo, encerrando o clube e reembolsando os sócios que tivessem feito investimentos em casas e concessões.

Para isso, os cem títulos recebidos em permuta nos davam cem por cento dos votos nas assembleias. Na medida em que íamos vendendo os títulos, nosso poder de encerrar as atividades do clube ia se restringindo, mas, por outro lado, estava havendo ingresso de recursos suficientes para fazer frente aos investimentos necessários e para o pagamento dos juros mensais.

Cada naturista interessado em ter sua cabana na Colina tinha de, primeiramente, associar-se ao clube. O CNCS foi criado com três categorias sociais: Sócios Contribuintes, Prioritários e Patrimoniais. Contribuintes seriam os usuários eventuais que, associando-se ao clube, ficavam isentos do pagamento de taxas de portaria e podiam trazer convidados. Caso o sócio contribuinte desejasse adquirir uma cabana, deveria tornar-se sócio Prioritário ou Patrimonial, mediante a aquisição dos respectivos títulos.

Para ter sua cabana, o associado deveria adquirir uma concessão de uso vitalício de uma parte ideal do terreno. Para isso, firmava um contrato de concessão de uso com os proprietários da área. A seguir, adquiria a con-



cessão de uso da casa diretamente com a Naturis.

Assim, os concessionários não eram proprietários do terreno, tampouco da casa, mas detinham deles o uso, podendo alugar ou vender, como se donos fossem. Em caso de falecimento de um dos titulares, a concessão permanecia para o cônjuge remanescente. No caso do falecimento de ambos, sendo os filhos naturistas e filiados ao clube, a concessão poderia ser transferida para os filhos por meio da sucessão normal. Caso os filhos não fossem naturistas, as concessões da casa e do terreno eram colocadas à venda para repassar o valor aos herdeiros.

Conheci uma grande área naturista, na França, em 1994, que estava enfrentando dificuldades com os herdeiros dos naturistas que possuíam imóveis – propriedade – de casas dentro da área. Na qualidade de legítimos proprietários da casa, eles tinham o direito de usufruir do imóvel, mesmo sem ser naturistas. Assim, o local passou a ser mesclado com pessoas usando trajes de banho em meio aos naturistas.

Na Colina, muitas pessoas não compreendiam bem o motivo pelo qual não vendíamos a propriedade. Algumas preferiam não ter suas casas na Colina, por não aceitar um contrato de concessão de uso como garantia do seu patrimônio. Ocorre que o sistema jurídico no qual foi estruturada a Colina do Sol dependia desse sistema para resguardar nas mãos do clube o poder coercitivo da coletividade sobre os indivíduos. Se uma pessoa de má índole, que não se portasse de acordo com as normas do Código de Ética, fosse proprietária de uma casa na Colina, o clube não teria poder de retirá-la do convívio dos demais. Assim, os bons naturistas acabariam por abandonar o local, restando apenas pessoas indesejáveis na área.

Essa condição de conceder o poder ao clube, ao coletivo, em detrimento da propriedade individual, era o que, em última análise, garantia os próprios interesses individuais no que dizia respeito à continuidade da Colina do Sol enquanto centro naturista voltado ao ambiente familiar e também à manutenção do valor patrimonial dos bens dos naturistas. Se o controle do clube sobre o comportamento na área perdesse sua capacidade coercitiva, o naturismo deixaria de existir no local.

## **AS PRIMEIRAS OBRAS, PISCINA DE PEDRA, CAMPING PROVISÓRIO**

Nas primeiras semanas da Colina, tudo o que tínhamos era uma casa de caseiro, ocupada por um funcionário para cuidar do local, uma rede elétrica muito fraca que chegava até esta casa e pouco mais de vinte cabeças de gado.

Escolhi um local de frente norte, numa clareira de pouco mais de um hectare, para ser o nosso ponto de partida. Era abrigado do vento sul e, assim, sempre que fazia sol ficava quente o suficiente para tirar a roupa.

No meio dessa clareira havia uma pequena vertente de água, onde cavamos um buraco para construir um poço e termos água potável, principalmente para o banho. Ao lado desse local, a grama era úmida e percebi que se cavasse ali, provavelmente a água ficaria retida.

Contratei uma máquina para cavar um buraco maior, de cerca de quinze metros de comprimento por seis de largura, mas havia muitas pedras, enormes, no fundo do buraco e tudo o que a máquina pode fazer foi remover a terra de cima das pedras. Foram vários dias de trabalho dos próprios naturistas para quebrar e remover uma parte de pedras suficientemente adequada a que restasse um buraco capaz de transformar-se numa piscina. Depois disso, contratei três pessoas da vizinhança para fazer as paredes da piscina com as próprias pedras extraídas do local.

Ao final de uma semana, estávamos com a primeira piscina pronta. Num estilo rústico, com paredes de pedra e uma pequena cascata de pedra, por onde caía a água bombeada pelo sistema de filtragem. Tudo a um custo total de mil reais, incluindo o material, a mão de obra e o filtro. Se fosse cavar um buraco para colocar uma piscina de fibra de vidro com a metade do tamanho, gastaria três vezes mais. Levou mais um bom tempo para termos água suficiente para que pudéssemos tomar banho, mas tudo isso fez parte da expectativa e transformou aquela pequena obra numa grande conquista dos pioneiros da Colina do Sol.

O projeto global da Colina já estava pronto, no papel, com a definição de onde se situariam as áreas residenciais, comerciais, esportivas. O hotel e o camping já tinham seus espaços definidos e quase todos esses recursos que a Colina do Sol projetava oferecer aos seus usuários situavam-se longe da área onde estávamos até então, iniciando nossas atividades. Ali, tínhamos de fazer um bar provisório, um camping provisório e as primeiras casas

teriam de ser nessas imediações construídas, pois não dispúnhamos de recursos suficientes para levar infraestrutura – água, luz, ruas – para outras regiões da Colina.

Um dos primeiros a eleger a Colina como sua nova residência, o Tuca, que já era um antigo amigo desde o tempo da Praia do Pinho, adquiriu três concessões residenciais e contratou a construção de três casas modelo Athena. As concessões dessas casas, completamente de madeira, com cerca de trinta metros quadrados, eram vendidas por cerca de dois mil e quatrocentos reais cada. Seu plano era morar em uma das cabanas e obter uma renda de aluguel das outras duas.

Aos poucos, entretanto, ele foi percebendo que poderia ter um rendimento melhor se adquirisse a concessão comercial do camping, pois teria como atender um público maior e supriria uma necessidade da Colina para o seu desenvolvimento. Fizemos uma permuta e ele tornou-se o primeiro concessionário comercial da Colina do Sol, atendendo, inicialmente, num local provisório, permitindo aos campistas alojarem-se com suas barracas ao lado das cabanas que ficavam próximas da piscina de pedra, mas já começando a projetar e limpar a área onde seria instalado o camping definitivo.



*Primeira escavação na Colina: o buraco para construir a piscina de pedra.*



*Uma pequena nascente encheu o buraco e viabilizou sessões de lodoterapia.*



*Quando a obra da piscina ficou pronta, a primeira água foi uma festa.*

*Primeira cozinha comunitária, no camping provisório.*



*Os primeiros campistas dando vida à Colina do Sol. Este local, em menos de dois anos, estaria ocupado somente por casas.*



*Margot, a primeira naturista a pernoitar na Colina do Sol, com seu filho.*



## AS PRIMEIRAS OBRAS DE TERRAPLENAGEM

Com lagos para serem escavados, áreas de esportes a serem aterradas, cerca de cinco quilômetros de ruas internas a serem abertos em terrenos às vezes íngremes e rochosos, os custos de terraplenagem seriam astronômicos. Tinha de criar alguma solução que viabilizasse o projeto, pois tais custos seriam, certamente, dez vezes maiores que o valor da própria terra.

Tinha de abrir uns primeiros acessos e cavar um laguinho provisório, onde pretendia fazer uma pequena praia de areia branca e uma cancha de vôlei ao lado. Apenas para isso, tínhamos recursos.

Chamei duas empresas especializadas, que se situavam próximas da Colina. O representante da primeira apareceu, mostrei o serviço a ser feito, mostrei o resto da área, os meus planos para o futuro e a minha proposta de pagamento. Ele nem sequer tentou negociar. Agradeceu meu chamado, se despediu, entrou no carro e partiu.

O pessoal da segunda empresa apareceu. Mostrei o serviço que tinha para ser feito imediatamente, com pagamento à vista; mostrei o resto da área e o projeto inteiro a ser executado.

Depois de caminharmos por boa parte da Colina do Sol, que era apenas um campo com vacas, propus: “Vocês trazem as máquinas para cá e vão fazendo as obras, conforme eu for indicando. Pago vinte e cinco por cento do valor durante o serviço. Os outros setenta e cinco por cento, quando eu puder. Mas, por outro lado, quando vocês tiverem outro cliente, pagando melhor do que eu, podem levar as máquinas embora. Quando terminar o trabalho deste outro cliente, ao invés de guardar as máquinas na garagem, tragam para cá e vão continuando o serviço. Assim vamos indo e vamos ver no que dá. Que tal?”

Eu já tinha trabalhado com máquinas, quando estava criando um projeto de piscicultura, uns dez anos antes, de modo que sabia que o custo de operação girava em torno de vinte e cinco por cento.

“Está bem” – ele disse. “Vamos fazendo o trabalho e ver como isso vai funcionar.”

Assim, trouxeram retroescavadeira, trator de esteira, caminhões e começaram a movimentar a terra, seguindo as minhas orientações, e os lagos, praias, ruas e áreas de esportes começaram a aparecer na Colina do Sol. A cada final de semana, chegavam novos naturistas e viam com os pró-

prios olhos as obras acontecendo: as máquinas não paravam nem aos finais de semana. Entusiasmados, tornavam-se sócios do clube, compravam concessões de terrenos e casas e o dinheiro ia entrando para o pagamento das máquinas.

Cada vez que algum naturista interessado em adquirir uma cabana me oferecia um automóvel no negócio, imediatamente o encaminhava para o pessoal da terraplenagem avaliar o carro e, se chegassem a um acordo, já recebiam o carro como pagamento pelos serviços das máquinas.

Ao longo dos anos, vários automóveis foram usados como pagamento de serviços de terraplenagem, além de muitos aportes em dinheiro, conforme iam entrando. Nossa parceria mostrou-se produtiva e a Colina do Sol conseguiu realizar suas imensas obras de terraplenagem.



*Crianças brincando na areia da primeira “praia” da Colina do Sol.*



*No local onde hoje se situa o laguninho das rosas, ao lado da quadra de vôlei, foi construído o primeiro “protótipo” do lago grande da Colina.*



*Com as chuvas, o nível da água subiu e o primeiro verão da Colina do Sol já teve praia.*



*Início das obras do lago da figueira.*

*Celso, com Valentina no colo, orientando o trabalho das máquinas.*



*O lago foi inteiramente escavado e a terra levada para baixo do morro.*



*Na outra metade do lago, junto à barragem, o solo era inteiramente de pedra.*





*O lago da figueira recebendo a água das primeiras chuvas.*



*Celso “pilotando” a retroescavadeira, já no início das obras do lago grande.*



*Procurando água, na única nascente que se situa dentro do lago grande da Colina do Sol.*

*Paulinha e Valentina,  
brincando na terra  
remexida, nas esca-  
vações do lago.*



*Cada nova etapa  
da escavação abria  
um novo buraco,  
que enchia com as  
águas da chuva.*



*No segundo verão  
da Colina do Sol, já  
tínhamos mais um  
local, provisório,  
para banho.*





*Num dos buracos escavados, foi instalada uma raia, para o primeiro torneio de natação naturista do Brasil.*



*Os torneios de barcos à remo se tornaram uma tradição na Colina.*



*As disputas exigiam o máximo das duplas e a torcida estava sempre presente.*

*O esforço em alcançar o barco da frente nem sempre resultava em vitória.*



*O mais importante era a diversão, o conagraçamento e a alegria da torcida.*



*Enquanto isso, o lago da figueira, já concluído, começava a tomar forma, com o leito de água, ainda barrenta.*





*Quando ficou cheio de água, com a vegetação recuperada, transformou-se num local inspirador.*

## **ENERGIA ELÉTRICA**

Quando compramos a Colina, a única fonte de energia elétrica era uma rede elétrica simples, de um só fio, terminando num poste com um transformador pequeno. O suficiente para fornecer energia para a casa do caseiro.

Além disso, estava localizado muito longe do local onde estávamos iniciando a ocupação, com as primeiras casas, bar e piscina. A energia chegava fraca até o local.

A instalação de uma rede elétrica apropriada a essa primeira etapa, significava a extensão de postes e fios de alta tensão por uma distância de mil e seiscentos metros, além de um transformador potente.

Passamos muitos meses analisando as várias possibilidades de financiar tal rede elétrica, que foi orçada por um valor equivalente a um terço do quanto tínhamos pago pela terra inteira.

Parecia um objetivo inatingível, pois mesmo com os valores sendo financiados, nossa arrecadação ainda era muito pequena e uma série de outras despesas fixas já nos oneravam mensalmente, além, é claro, dos juros que pagávamos pelo empréstimo tomado para a aquisição da terra.

O movimento de naturistas, entretanto, foi aumentando gradativamente, e quando percebemos, já estávamos com a equipe da instaladora elétrica abrindo as picadas, colocando os postes, fios e transformador. Mais uma vez, utilizamos soluções peculiares para financiar a rede elétrica e, com o esforço financeiro que cada vez mais fazia parte do nosso dia-a-dia, conseguimos amortizar os pagamentos e seguir em frente.

## **ATIVIDADES EM GRUPO / MASTI**

Tínhamos um cuidado constante para manter o espírito do grupo elevado e agregando sempre os recém chegados, não só promovendo festividades num calendário de eventos, como também atividades de grupo, como Tai Chi Chuan, meditação, coral, teatro. Essas atividades fortaleciam cada vez mais a união do grupo, fazendo-o superar as pequenas discórdias, comuns a todo grupo.

O naturismo sempre significou, para nós, uma porta para uma possibilidade de crescimento interior, tanto emocional quanto espiritual. Precisa-

vamos construir um espaço amplo o suficiente para realizar atividades em grupo durante os dias chuvosos e de inverno e também criar um local para serem realizados atendimentos em terapias alternativas, massoterapia, e outros tratamentos holísticos.

Não demorou a que tivéssemos reunido um grupo de pessoas para viabilizar a implantação do centro holístico. Fizemos um projeto do prédio, nas dimensões necessárias, e tratei de orçar a mão de obra e os materiais do modo mais econômico. Escolhi um local especial, suficientemente afastado do burburinho das áreas de lazer e com uma maravilhosa vista para o vale e o pôr-do-sol.

Era uma obra grandiosa, com colunas de eucalipto autoclavado de mais de doze metros de altura, sustentando uma enorme cobertura de capim Santa Fé, dando um aspecto rústico e indígena ao local. Além de um salão grande, para atividades em grupos maiores, no terceiro andar, cinco salas de atendimento, auditório, loja, cozinha, banheiro e um enorme hall de entrada, todo envidraçado, com vista para o vale, tínhamos uma área de mais de duzentos metros quadrados de reserva, para expansão, no primeiro piso.

Na minha concepção de uma comunidade naturista – e o que me moveu ao longo de tantos anos na busca por essa realização – o estímulo ao desenvolvimento pessoal e à busca da felicidade deve ser o objetivo maior do empreendimento e do grupo de pessoas que o conduz.

Nossa sociedade de consumo, como proteção de sua própria continuidade e pujança, conduz as pessoas por um caminho cujo rumo está focado numa ilusão: a de que atingindo tal objetivo material, social ou profissional, então, nesse momento se encontrará a felicidade. Ocorre que as pessoas que chegam nesse ponto, no cume da montanha, descobrem-se, no momento seguinte, frustradas, insatisfeitas e não percebem a razão, pois já atingiram aquilo que tanto buscaram.

Não é fácil perceber que a felicidade não está no topo da montanha e que o prazer da vida não está somente na possibilidade de admirar a vista lá de cima, senão na excitação do percurso, na esperança que colore caminho, no amor pelas pegadas suadas da caminhada.

A grande descoberta é perceber que a felicidade está dentro de si: é um modo de ver a vida, um ponto de vista, um paradigma. Uma vez desco-



berto esse sistema de percepção, o mundo externo passa a ser um cenário que vai mudando como a margem do rio que vai passando pelo barco que segue com a correnteza.

Trazer essa clareza e, principalmente, essa capacidade de viver a partir do alicerce desse paradigma é, a meu ver, a grande oportunidade de uma vivência naturista, especialmente por ser o naturismo um despojamento de roupas, de vergonhas, de medos, de conceitos culturais e sociais absorvidos inquestionadamente e que passaram a constituir nossa identidade de *homo urbanus*.

O centro holístico da Colina do Sol, batizado de Masti – êxtase da existência –, veio para cumprir a nobre função de transformar-se no local aglutinador de pessoas interessadas nesse tipo de crescimento, trazendo seus conhecimentos e descobertas para dividir com os demais.

Durante vários anos, o grupo do Masti atuou trazendo profissionais das mais variadas áreas ligadas ao desenvolvimento psíquico, emocional e espiritual. Horários de meditações, das mais variadas linhas, yoga, palestras, grupos de discussão, faziam parte da rotina do local. Infelizmente, por mais que houvesse uma divulgação constante de tais atividades, era fácil perceber que o número de pessoas que buscavam tal tipo de aprendizado e vivência era sempre num percentual muito menor do que imaginaríamos coerente com o perfil do naturista. Tanto assim que, ao longo dos anos, o Masti se apresentou deficitário enquanto concessão comercial. Sua importância enquanto local de desenvolvimento de uma mentalidade mais voltada à riqueza interior e, como decorrência, viabilizadora da verdadeira felicidade, sugeriria que fosse mantido como órgão sem fins lucrativos e mantido por doações e pelo trabalho voluntário.



*Dinâmicas de grupo  
na beira do laguinho.*



*Tai Chi Chuan na  
praia da piscina de  
pedra.*

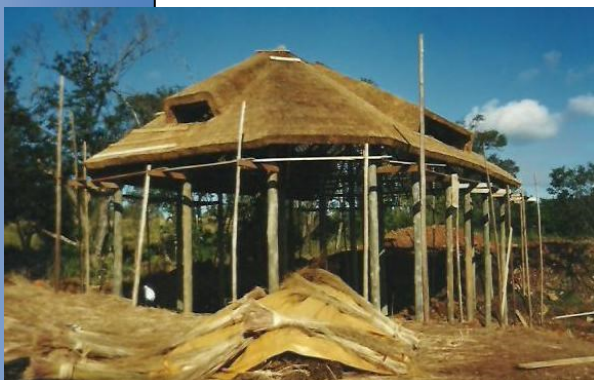


*Atividades de me-  
ditação dirigida na  
praia da piscina de  
pedra.*

*Início das obras do Masti: centro de desenvolvimento humano.*



*Telhado do Masti concluído: estrutura para um prédio de 3 pavimentos.*



*Prédio do Masti concluído e em funcionamento.*



## **FINALIZAÇÃO DO LAGO GRANDE**

Na área de infraestrutura de lazer, a principal obra era a praia e o grande lago que passaria a ser o principal atrativo turístico da Colina do Sol.

Ao longo dos anos, conforme os recursos iam surgindo, algumas etapas das escavações do lago já iam sendo executadas e, a cada período chuvoso, enchiam de água e formava lagos nos quais, no verão seguinte, utilizávamos para banho, para torneios de natação e de remo. As pessoas pareciam nem se importar – ou nem perceber – que aquela área era um território em construção, cheio de buracos e montes de terra e pedras empilhados. Curtiam o sol e o calor e se divertiam naqueles lagos que se moldavam pelo terreno, oferecendo uma água límpida e fresca para amenizar o calor do verão.

No terceiro ano da Colina do Sol, me determinei a concluir as obras do lago. Não tinha como prever o quanto custaria tal acabamento, com a ligação dos buracos já escavados, a remoção da terra para a área de esportes, a construção da cascata e a formação das praias.

Procurei alguns amigos naturistas que tinham recursos e eventualmente poderiam me emprestar para tal fim, oferecendo permutas por concessões residenciais, comerciais, títulos e tudo o que fosse necessário. Junto à empresa de terraplenagem, consegui que eles se comprometessem a trazer duas escavadeiras grandes e que elas ficassem na Colina até que o lago fosse terminado, mesmo que o custo superasse minha capacidade de amortização do momento. Os proprietários dessa empresa de terraplenagem, que já estavam trabalhando comigo há três anos, também tinham muita satisfação por estar trabalhando na Colina e torciam pelo nosso sucesso. Tinham também muita vontade de ver o lago concluído, de modo que não foi difícil entabularmos uma parceria para a conclusão das obras.

Quando as máquinas chegaram, iniciou um período de chuvas e o terreno ficou encharcado. Isso aumentava a dificuldade e o custo do trabalho, pois mesmo aquelas máquinas enormes, com esteiras e cabine giratória, vez por outra quebravam os dentes da concha, tentando arrancar pedras, ou atolavam no meio da terra que, com a chuva, se transformava num monte de argila de metros de espessura.

Era a materialização de um sonho. Escolhi uma quantidade considerável das maiores pedras retiradas do terreno, para empilha-las, umas sobre as outras, tentando deixar uma face da pilha vertical, na frente da qual pre-

tendia que caísse água, na forma de uma cascata de seis metros de altura.

Eram toneladas de pedras enormes sendo roladas e empilhadas em meio ao barro e à chuva que não dava tréguas. Eu orientava o trabalho das máquinas, temendo que as pedras desabassem a qualquer momento e tivesse de recomeçar do zero. Um desabamento daquelas pedras poderia significar mais de um dia de trabalho das máquinas, a um custo de milhares de reais.

Depois da pilha de pedras concluída, orientei a colocação da terra – barro – pelo lado de trás das pedras, para fazer um pequeno morro, do qual surgiria a planejada cascata, com água escorrendo pela parede de pedras. Durante todo o tempo, temia pela fragilidade da estrutura, pois as pedras estavam molhadas e envoltas em barro, sofrendo a constante pressão da terra que ia sendo escorada atrás das mesmas.

Terminado o trabalho, conduzi as máquinas para fazer o acabamento do resto do perímetro do lago, com as praias e ilhas de coqueiros. Esses coqueiros já existiam no terreno e cuidei de preservá-los para que ornamentassem as futuras ilhas do lago.

Alguns dias depois, com o lago ainda seco, estava caminhando por dentro da enorme área escavada, curtindo o resultado do trabalho e sonhando em ver o lago com água e a vegetação crescida ao redor, quando então ele pareceria um lago natural, e parei defronte à parede de pedras, que seria a futura cascata.

Parado, em pé, a poucos metros da parede, olhava para as pedras, muito acima da minha cabeça, e, por um instante, ocorreu-me a possibilidade daquilo tudo ainda vir a desabar. Naquele exato momento, tal qual um deboche do destino, escutei um forte estalo, como de uma rocha se partindo ao meio, vindo da parte inferior da estrutura. Minhas pernas afrouxaram de imediato, num súbito tremor de espanto, na iminência de receber aquela enorme parede de pedras desabando e me esmagando sobre o fundo lamacento e rochoso da maior obra que já tinha materializado.

Nada aconteceu. Aos poucos, me afastei dali, agradecendo a Deus por me poupar de tal destino insólito.

Nos dias seguintes, quando o sol voltou a brilhar e a terra ao redor das pedras começou a secar, fixando o monte, resolvi preencher com concreto e ferro os espaços entre as pedras para garantir a estabilidade da estrutura.



*Com a determinação de concluir o lago grande, as obras de terraplenagem seguem, sem parar.*



*Uma área de dois hectares, totalmente modificada. Onde era um campo de pastagem, passará a ser um lago para banho e uma praia.*



*Toda terra escavada tinha de ser removida, por meio de caminhões, para aterrar a área de esportes.*

*Um grupo de coqueiros, que já havia no campo, foi preservado numa futura ilha.*



*Com as chuvas impossibilitando o acesso dos caminhões, a terra tinha de ser remanejada com grandes escavadeiras.*



*Uma escavadeira ia passando a terra para outra, e, assim, sucessivamente.*





*A enorme área do lago estava tomando forma, com o trabalho de 3 anos sendo finalizado.*



*A construção da cascata foi realizada num período chuvoso, que dificultou o trabalho, na lama, para o transporte das enormes pedras.*



*Com todo o cuidado, as pedras iam sendo empilhadas umas sobre as outras, para formar uma parede vertical, de onde cairia a água da cascata.*





*Ao fundo, o morro da cascata concluído, e o lago começando a encher, com a água das chuvas.*

## A PRAIA DA COLINA

Todo o trabalho de escavação e terraplenagem estava concluído. Falta, agora, o acabamento da praia e chuvas, para enche-lo de água.

Uma das primeiras providências que tomamos, assim que a chuva encheu aquele enorme buraco de quase vinte mil metros quadrados, foi transferir o trapiche de madeira, que estava no laguinho pequeno, que usávamos para banho, para o lago grande, junto a uma parte mais íngreme do barrando, de onde pudéssemos saltar para a água, que já subia de nível a cada nova chuva.

Defronte o local onde seria construído o principal restaurante da Colina do Sol, começamos a fazer a primeira praia, aplainando a terra bruta e argilosa com camadas de saibro e, por cima do saibro, uma cobertura de pouco mais de cinco centímetros de concreto. Essa camada de concreto era importante para não permitir que crescessem plantas, com raízes profundas, na área que seria recoberta de areia para formar a praia. Se colocasse apenas uma lona plástica sob a areia, para que não se misturasse com a terra, poderia a mesma ser perfurada por alguma haste de guarda-sol e por ali crescer a vegetação. Tudo isso visava à futura manutenção de limpeza da areia.

Pronta a parte de concreto, começamos a adquirir a areia branca, vinda de minerações próximas à Osório, a mais de 100 km de distância da Colina do Sol. Numa camada de cerca de 50 cm de espessura, a areia branca ia dando o aspecto final da nossa tão sonhada praia.

O lago continuava com suas águas barrentas, cor de argila, mas a cada semana eu percebia que a transparência aumentava: o lodo em suspensão, proveniente do choque dos pingos das chuvas com a terra nua, começava, aos poucos, a decantar. Em menos de dois meses, a água estava totalmente cristalina.

Para podermos entrar no lago e tomar banho sem pisar no lodo e sem turvar novamente a água, precisávamos colocar a mesma areia da praia para dentro do lago. Essa tarefa era muito trabalhosa e resultava num verdadeiro “trabalho de formiga”, com a areia sendo carregada, em baldes, pelos próprios naturistas, em mutirão. Caminhávamos com o balde cheio de areia, entrando pelo lago até onde sentíamos que o chão estava lodoso e então derrubávamos a areia. O próprio pisotear das nossas idas e vindas

entre a água e o monte de areia depositado na praia ia misturando a areia com o fundo do lago e transformando o leito, antes lodoso, numa camada rígida de areia dura.

Para concluir a principal obra da Colina do Sol, faltava apenas povoar o lago com peixes, para pesca e para promover um equilíbrio ecológico no ambiente aquático.

Como eu tinha conhecimento na área de piscicultura, logo decidi por povoar o lago com Peixe-rei, pois trata-se de uma espécie que não suja a água, mantendo-a limpa. Se colocasse outras espécies, como carpas ou tilápias, o lago ficaria turvo, pois essas se alimentam de plantas e de suas raízes. Esse movimento constante, no fundo do lago, não permitiria que o lodo decantasse e a água não ficaria cristalina.

Fui à Pelotas e comprei 1.500 alevinos de Peixe-rei, colocando-os no lago, na esperança de termos divertidas pescarias e água limpa para banho. No ano seguinte, após a primeira desova, permitimos o início da pesca. As crianças e até mesmo os adultos se divertiam muito nas pescarias no trapiche, ou mesmo com o uso dos barquinhos.



*O mutirão para transferir o trapi-che do lago de areia para o lago grande, marcando a abertura oficial do lago.*



*Ao fundo, a qua-dra de vôlei, recém construída, na área aterrada pela terra que foi retirada do lago grande.*



*A primeira praia de areia, defronte o morrinho que, no futuro, abriga-ria o Restaurante do Lago.*

*O início das obras do bar da praia, depois coberto por folhas de coqueiro.*



*Uma visão geral do lago grande, com o morro da cascata, à esquerda e a praia à direita.*



*O piso de concreto para receber a cobertura de areia da praia.*





*O piso de concreto sendo coberto por uma camada de areia branca, vinda de mais de cem quilômetros de distância.*



*Eta, Léo e Daisy, curtindo a nova praia da Colina.*



*Celso e Valentina, liberando 1.500 alevinos de peixe-rei, após uma viagem desde Pelotas, para sua nova moradia.*

*A vista aérea do topo da montanha da Colina do Sol, com o lago grande, as quadras de esportes e o lago das rosas. O mato de eucaliptos escondia os telhados das casas.*



*Mais uma “foto de aniversário”, em agosto, ao lado do bar da praia.*



*Visão lateral da praia, antes da construção do Restaurante do Lago.*





*Areia branca, água transparente e morna. Um barzinho aconchegante na beira da praia: felicidade geral!*



## O RESTAURANTE DO LAGO

Um volume considerável de terra, pedras e argila que saíram da escavação do lago, orientei a que fosse amontoado ao lado do local que seria a praia, para, no futuro, construir um restaurante sobre esse monte, com vista panorâmica para toda a área social da Colina do Sol.

Concluída a praia, o próximo passo era o restaurante. Para construir um prédio de cerca de 200 metros quadrados sobre aquele monte de argila, que talvez jamais ficasse compactado e seco, precisaria de soluções de engenharia que evitasse que o prédio, literalmente, afundasse.

Mais uma temporada de verão estava se aproximando e o local do antigo restaurante, defronte à piscina de pedra, ficaria muito pequeno para o público que aumentava a cada ano.

Buscando novos empréstimos com os amigos, além de negociações com produtos da Colina, resolvi começar imediatamente a construção. Foi uma obra concluída em pouco mais de sessenta dias, com as colunas de eucalipto autoclavado “amarradas” entre si, por meio de vigas de concreto, numa verdadeira esteira distribuída sobre o monte de terra.

O telhado foi construído com capim Santa Fé, que tem pouco peso, de modo que não sobrecarregaria o peso sobre as colunas. Todas as paredes foram revestidas de costaneiras e janelas tipo “galinheiro”, com plástico transparente no lugar de vidros. O chão foi coberto com areia e, assim, para incredulidade geral, estávamos inaugurando o Restaurante do Lago, no dia do Reveillon, em tempo recorde.

Aos poucos, fomos construindo um grande deck, de madeira, sobre o canto da praia, colocando um piso de cimento queimado e, no ano seguinte, concluímos as paredes definitivas, com alvenaria e “janelas de verdade”.



*Nova vista da praia, agora com o Restaurante do Lago, recém construído.*



*Ao fundo, os decks de madeira do Restaurante do Lago. Em primeiro plano, a galerinha da Colina.*



*O interior do Restaurante do Lago, num dia normal de verão.*

*Mais momentos no Restaurante do Lago, quando as janelas ainda eram de plástico.*



*Vista interna do Restaurante do Lago, com paredes de madeira e janelas de plástico transparente.*



*Mais uma “foto de aniversário”. Agora, com o restaurante pronto, ao fundo.*



## **A UNIFICAÇÃO PATRIMONIAL**

Após cinco anos de atividades, a Colina do Sol já era um empreendimento turístico internacionalmente conhecido, tendo sido divulgado nacionalmente em dezenas de reportagens em revistas e redes nacionais de televisão e a quase totalidade da sua infraestrutura estava concluída, com quase cinco quilômetros de ruas internas, dois lagos, praia, quadras de esportes, piscinas, áreas de lazer, etc., tudo com recursos próprios.

A comunidade já contava com dezenas de moradores permanentes e uma série de empreendimentos comerciais atuava internamente, gerando renda às famílias que ali viviam e oferecendo bens e serviços aos usuários eventuais e à comunidade como um todo.

A formatação patrimonial sobre a qual estava assentada a comunidade, entretanto, não se apresentava muito simples e demandava relações jurídicas com várias partes, pois a terra era de propriedade das pessoas físicas Celso Rossi, Paula, Luiz e Lieselotte; as casas eram de propriedade da Naturis Empreendimentos Naturistas Ltda., e o Clube Naturista Colina do Sol, promissário permutante de uma área de 10ha, composta de pequenas parcelas de terras, onde já havia construída parte da infraestrutura de lazer, era a entidade mantenedora da ordem e competente para excluir associados de seus quadros, em caso de infração às normas éticas. Essa exclusão poderia implicar, eventualmente, na rescisão dos contratos de concessão de uso do terreno e da habitação, caso o associado excluído fosse, também, concessionário residencial ou comercial.

Assim, em janeiro de 2000, apresentei uma proposta para simplificar essas relações e fortalecer o Clube Naturista e, com isso, seu poder de coerção na fiscalização das regras de conduta.

A ideia central seria transferir as terras e as casas para o CNCS, de modo que haveria somente um concedente, sendo este uma entidade coletiva, o que seria mais apropriado ao objetivo de transformar a Colina do Sol numa comunidade naturista com autonomia política.

A Proposta de Unificação Patrimonial foi apresentada na reunião do Conselho Deliberativo do CNCS e, aprovada, foi novamente apresentada em Assembleia Geral de Sócios Patrimoniais, datada de 26 de fevereiro de 2000, onde obteve a aprovação de 17 votos contra apenas 3 rejeitando a mesma.

A partir daí, a Colina do Sol passou ser, de fato e de direito, uma comunidade, com o patrimônio em nome do clube, administrado por seus poderes eleitos, e a Paula e eu pudemos, finalmente, nos dedicar a um antigo sonho: morar num veleiro, com nossos filhos.

Há muitas outras histórias que merecem ser contadas, que darão continuidade a este trabalho, como a da COOPENAT, quando fundamos uma cooperativa para buscar a autossuficiência e manutenção dos moradores da Colina, mas isso fica para outra hora.

Por enquanto esse relato já pode ser útil no sentido de dar uma perspectiva histórica, uma visão mais ampla sobre os caminhos que trilhamos e que culminaram nesse paraíso que se chama Colina do Sol.

Celso Rossi, outubro de 2013.

## OUTRAS IMAGENS



*Construção do prédio de administração do camping.*



*Jogo de vôlei na antiga quadra de areia, ao lado do laguinho das rosas.*



*Vista para o vale, que se tinha desde o lago da figueira.*

*Rua do Abraço,  
uma das primeiras  
ruas da Colina,  
recebendo postes  
com luminárias  
rústicas.*



*Uma das primeiras  
casas da Colina, cuja  
concessão era ven-  
dida por apenas  
R\$2.300,00  
(US\$2,300.00).*

*Sede do camping  
provisório.*



*Prédio do  
restaurante,  
abaixo do escritório  
da Naturis, recém  
construído.*





*Torneio de peteca na antiga quadra de vôlei, com a nova quadra, já pronta, ao fundo.*



*Coral da Colina, ensaiando para apresentação.*



*Encenação de peça de teatro, num dos tantos momentos de ludicidade e cultura.*



*Primeiro “Luau de Reveillón”, na praia da Piscina de Pedra, em 31 de dezembro de 1995.*

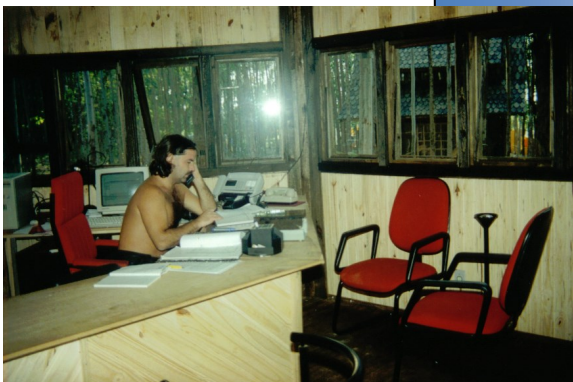


*Tuca, ao lado do prédio de administração do camping, no local definitivo.*

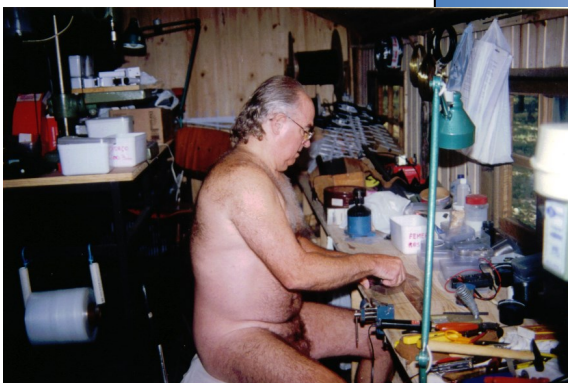


*Raul verificando os produtos na prateleira do mercadinho da Colina.*





*Figueiredo na Central de Atendimento. Hoje, Memorial Augusto Carneiro.*



*Ésis na primeira "indústria natu-rista", fabricando antenas para telefonia celular.*



*Eta, defronte a Colina Bike: aluguel e consertos de bicicletas.*

*Edison e Nisete,  
defronte a loja  
de ferragens da  
Colina: Colina  
Services.*



*Parquinho infantil,  
recém construído:  
exigência da gale-  
rinha da Colina.*



*Escolinha  
naturista na  
Colina do Sol.*

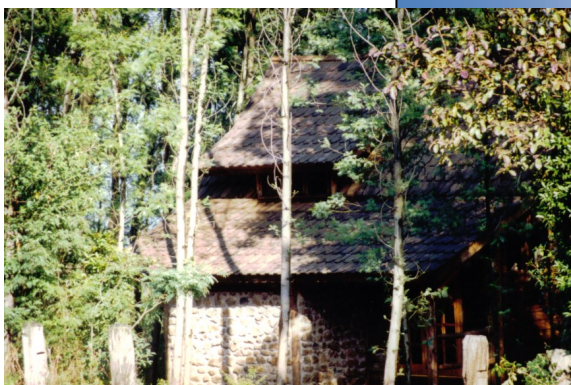




*Atividades artísticas com as crianças.*



*Piscina “térmica” de Pedra: uma tentativa de termos uma água quente para banho no inverno.*



*Uma das primeiras casas da Colina, no meio do mato, para ter sombra das árvores.*

*Casas na sombra das árvores de acácia, que tiveram de ser retiradas por terem uma vida curta.*



Uma ponte de madeira, com luminárias nas cabeceiras: um cenário romântico.



*Instalação da caldeira à lenha para a futura sauna e piscina térmica.*





*Inauguração da sauna à vapor no Centro de Relax.*

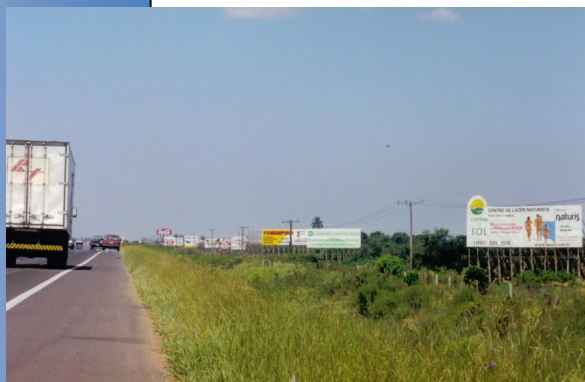


*Centro de Relax, com piscina térmica e telhado de vidro.*



*Placa oficial, instalada pelo DAER, com indicações para a Colina do Sol.*

*Trocado por 6.000 varas de eucalipto para escoras, um outdoor na Free-Way, num dos pontos de maior movimento da estrada.*



*Por mais de três anos, a Colina do Sol contou com essa importante divulgação institucional.*



*Uma série de produtos com o logotipo da Colina do Sol eram confeccionados pela loja da grife.*





*Camisetas,  
bonés, emba-  
lagens térmicas e  
diversos outros  
produtos.*



*Produção de vídeos  
documentários  
profissionalmente  
dirigidos.*



*Participação em  
feiras e eventos  
com stands  
próprios da Colina  
do Sol e da Naturis.*



*Nu Saloon, onde as festas noturnas, meditações matinais aconteciam, longe do sossego das áreas residenciais.*



*O Nu Saloon também era usado como sala de jogos, durante o dia.*



*Rubens e Léia, na Central de Atendimento. Local de recepção dos visitantes.*





*Rubens e Léia, na Central de Atendimento: simpatia e excelência na recepção aos visitantes.*



*Loja da grife da Colina do Sol.*



*Academia de ginástica.*

*Eta e Roberto: a Transcolina marcou época, com o serviço de transporte de passageiros.*



*O bairro Bosque dos Eucaliptos, com suas ruas e casas, protegidas do sol.*



*Família Steffens passeando pela Rua do Abraço.*





*A cascata da Colina começando a “verdejar” no morro que foi construído para ela.*



*Celso e Bart Wijnberg, presidente da INF— International Naturist Federation, visitando a Colina do Sol.*



*O Hotel Ocara, pronto para receber o primeiro grupo de naturistas americanos.*

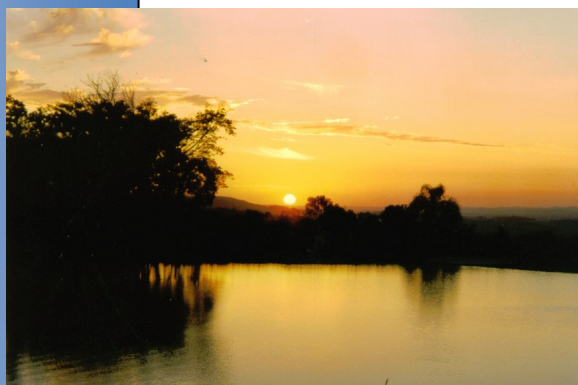
*A praia da Colina:  
principal atrativo do  
Centro Naturista  
Colina do Sol.*



*Mais uma festa  
de aniversário,  
em pleno inver-  
no, com o sol e o  
calor presentes.*



*O pôr-do-sol  
sobre o lago da  
Colina: sempre  
um belíssimo  
espetáculo.*





- 1 - Secretaria
- 2 - Centro de Relax
- 3 - Restaurante
- 4 - Central de Atendimento
- 5 - Loja
- 6 - Reformas
- 7 - Mercado
- 8 - Jardinagem
- 9 - Camping
- 10 - Hotel

